



PAULO HENRIQUE SALDANHA LEÃO

**RECONSTITUIÇÃO DAS OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO
ZENÓBIO DA COSTA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
(SETEMBRO E OUTUBRO DE 1944)**

Santa Maria, Rio Grande do Sul

2020

PAULO HENRIQUE SALDANHA LEÃO

**RECONSTITUIÇÃO DAS OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO
ZENÓBIO DA COSTA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
(SETEMBRO E OUTUBRO DE 1944)**

Trabalho final de graduação elaborado para o curso de
licenciatura em História da Universidade Franciscana.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Guedes Henn

**SANTA MARIA, RS
2020**

SANTA MARIA, RS

2020

PAULO HENRIQUE SALDANHA LEÃO

**RECONSTITUIÇÃO DAS OPERAÇÕES DO DESTACAMENTO ZENÓBIO
DA COSTA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (SETEMBRO E OUTUBRO DE
1944)**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao curso de História – Área de Ciências Humanas, da Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Prof.º Dr. Leonardo Guedes Henn – Orientador (UFN)

Prof. Me. Genivaldo Gonçalves Pinto

Prof. Dr. Marcio Tascheto da Silva (UFN)

Aprovado em _____ de _____ de _____

RESUMO

O destacamento Zenóbio da Costa operou na região do vale do rio Serchio, na campanha da Itália, entre setembro e outubro de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. A unidade em questão representa a primeira experiência de combate da infantaria brasileira no conflito. A compreensão pelo historiador das ações do destacamento pode esclarecer como se comportaram as tropas brasileiras operando na organização de comando e combinação de armas de uma unidade norte americana, um *Regimental Combat Team*. O trabalho em questão tentará buscar a compreensão das ações utilizando os conceitos de História como reconstituição de Collingwood, principalmente através de relatórios e memórias de oficiais da Força Expedicionária Brasileira, relacionando-os com o *Field Service Regulations, Operations, 1944* norte americano. Ao final do estudo, o autor considerou que a tentativa de reconstituição obteve um êxito parcial, pois certos elementos não estavam presentes nas fontes para que se empreendesse a total compreensão das ações do destacamento Zenóbio.

Palavras Chave: Destacamento Zenóbio; Força Expedicionária Brasileira; História militar; História como reconstituição; Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The combat team Zenóbio da Costa operated in the Serchio valley, during September and October of 1944, in the Italian campaign of the Second World War. The unit represents the first combat experience of the Brazilian infantry in the conflict. The understanding of the combat team actions by the historian can elucidate the Brazilian troops behavior, organized as an American regimental combat team on questions about the command and combined arms warfare. This work will try to understand the actions utilizing Collingwood's idea of History as re-enactment, mainly through reports and officers' memoirs of the Brazilian Expeditionary Force, connecting with the American Field Service Regulations, Operations, 1944. The author considered that the re-enactment attempt has partially successful, because the researched sources could not provide some elements to fully understand the actions of the combat team Zenóbio.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Combat Team Zenóbio; History as re-enactment; Military History; Second World War.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	HISTÓRIA COMO RECONSTITUIÇÃO	10
3	AÇÕES DO DESTACAMENTO ZENÓBIO	12
3.1	Primeira fase das operações: a conquista de Monte Prano	14
3.2	Segunda fase das operações	17
4	O <i>FIELD SERVICE REGULATIONS, OPERATIONS, 1944</i>	23
4.1	O reconhecimento	25
4.2	A ofensiva no FM 100-5	27
4.3	Disposição da frente, profundidade e reservas	31
4.4	Coordenação	32
4.5	Ataque de uma posição organizada	35
4.6	Operações em montanha	36
5	RECONSTITUIÇÃO DO EXERCÍCIO DE COMANDO DO DESTACAMENTO ZENÓBIO	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) teve sua gênese no contexto do alinhamento do Brasil aos Estados Unidos da América e ao esforço de guerra aliado, no período da Segunda Guerra Mundial.

A agressão da *Kriegsmarine*¹ à marinha mercante no Atlântico visava diminuir o fluxo de matérias primas e recursos essenciais ao esforço de guerra aliado para o continente europeu. A estratégia de guerra submarina irrestrita adotada pela Alemanha levou ao afundamento de navios mercantes de países relativamente neutros, como o Brasil. O afundamento de navios brasileiros causou grande comoção no país e pressionou o governo de Getúlio Vargas, que até então mantinha uma atitude ambígua em relação aos beligerantes, para que tomasse uma posição mais energética em relação às potências do eixo. A declaração de guerra brasileira ocorreu em agosto de 1942.

A organização das tropas brasileiras para serem enviadas ao teatro de operações europeu se estendeu ao longo de dois anos. A primeira leva de tropas desembarcou na Itália em 1944. Sob o comando do general Mascarenhas de Moraes, a divisão brasileira operou neste teatro de operações até o término das hostilidades na Europa.

Treinada a partir da doutrina americana e organizada sob o molde divisional americano, uma divisão triangular de infantaria, composta por três regimentos de três batalhões mais unidades de apoio, a FEB serviu no âmbito do V exército aliado, sob o comando do general Mark Clark e subordinada ao IV corpo de exércitos, sob o general Crittendenberger.

A chegada das tropas brasileiras no teatro de operações da Itália trouxe reforços necessários ao V exército. A abertura da frente na França em 6 de junho de 1944, com a operação Overlord, modificou o enfoque do esforço de guerra aliado, retirando divisões que até então lutavam na península, para um desembarque ao sul do país. As divisões retiradas do V exército compunham o VI corpo, com as 3ª, 36ª, 45ª divisões americanas. A frente foi mais enfraquecida pela retirada das divisões expedicionárias francesas, deslocadas para lutar em sua terra natal, na operação Anvil (CLARK, 1970, p. 384). O general Mark Clark pretendia usar as tropas retiradas para uma ofensiva. Por outro lado, os alemães, conduzindo uma estratégia defensiva arquitetada pelo marechal Kesselring de atrasar ao máximo o avanço aliado,

¹ Marinha de guerra alemã.

aproveitou-se do terreno acidentado da bota para construir uma série de posições defensivas como a linha Gótica. Tais posições, aliadas com o clima desfavorável, forçavam os aliados a recorrer ao expediente de seu poder de fogo superior para conseguir avançar lentamente, com planejamentos cuidadosos (PORCH, 2004, p. 510). O caráter secundário que Itália passou a ter nos planos estratégicos aliados e a aparente descoordenação entre as forças britânicas² e americanas permitiram que as tropas de Kesselring conseguissem estabilizar sua situação e balizar sua defesa na linha Gótica, uma série de fortificações e posições defensivas que visavam impedir o avanço aliado até o vale do Rio Pó.

A operação Olive previa um ataque no flanco direito da posição aliada, no setor do VIII exército britânico e posteriormente, um ataque do V exército, na ala esquerda. O ataque britânico obteve certo êxito avançando na costa do Adriático, mas foi freado com o reforço do setor pelos alemães com algumas divisões experientes (KESSELRING, 2016, p. 212-213). O esforço do V exército se concentrou na divisão entre os setores do X e XIV exércitos alemães. O setor do IV corpo de exércitos, na esquerda do dispositivo aliado, permaneceu relativamente inativo nos primeiros dias da operação.

No contexto em questão, a primeira leva da infantaria brasileira composta basicamente pelo 6º regimento de infantaria e outras unidades de apoio, é organizada em um destacamento comandado pelo general Euclides Zenóbio da Costa. O destacamento foi designado para

² O dilema estratégico aliado pode ser resumido da seguinte forma: os americanos (ou o presidente Roosevelt) enfatizavam a mudança do esforço de guerra para a Europa ocidental, em compromisso estabelecido com os soviéticos na conferência de Teerã (1943). Os britânicos, por outro lado, preferiam um avanço nos Balcãs, para evitar um aumento da esfera de influência comunista na região no pós guerra e garantir uma melhor posição nas eventuais negociações de paz. O ponto de vista americano prevaleceu e os soviéticos garantiram sua influência nos Balcãs. O general Clark critica tal conduta estratégica, considerando-a “dos mais gritantes erros políticos da guerra” (CLARK, 1970, p. 383). Para KEEGAN (1990, p. 362) enquanto a campanha na Itália conseguiu impedir os aliados de ocupar as regiões industriais do país e assegurar a fronteira sul do Reich, a invasão do sul da França não era significativa para os alemães, sendo até mesmo vantajosa, pois retirava recursos anfíbios e reservas operacionais aliadas que poderiam ser usadas nos Balcãs, onde Hitler considerava importante para a condução da guerra. A descoordenação não era somente estratégica, pois os comandantes aliados na Itália disputavam qual plano ofensivo deveria ser aplicado, o plano de Mark Clark ou o do tenente-general Leese. O plano de Leese prevaleceu, originando a operação Olive.

No lado alemão, havia também a discussão dos rumos estratégicos que deveriam ser tomados na Itália. Quando da invasão aliada no território italiano, o marechal Kesselring e o marechal de campo Rommel defendiam concepções de onde seriam melhores as posições para defender a península. Rommel preferia montar uma defesa nos Alpes, guardando o vale do Pó, onde se encontra o centro industrial e populacional italiano. Kesselring advogava que era possível defender ao sul de Roma, na ‘cintura’ da bota, local que poderia ser mantido com menos forças que as necessárias para a defesa do vale do Pó. Os argumentos de Kesselring prevaleceram, pois, segundo CITINO (2017, p. 63), o marechal representava “um raio de luz para o crescentemente desiludido Führer” com sua determinação de manter posições que foram ordenadas por Hitler, ao invés de pedir constantemente para recuar, como grande parte dos generais alemães nessa altura da guerra.

Ambos os lados viam a campanha da Itália como um teatro secundário, em que deveria haver economia de forças e ao mesmo tempo manter o máximo possível de forças inimigas comprometidas para não serem deslocadas para outros teatros de operações. Tanto os aliados como os alemães pensavam que estavam fazendo isso (CITINO 2017, p. 64).

substituir uma unidade americana na linha de frente do setor do IV corpo, no dia 15 de setembro de 1944. As operações do destacamento Zenóbio ocorreram do dia 15 de setembro até 30 de outubro, quando a unidade é realocada para compor a divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira.

A FEB se destaca na história militar brasileira por representar uma mudança doutrinária na instituição, que antes operava e se organizava nos padrões franceses³. O trabalho em questão não terá o objetivo de detalhar tal transição, nem mesmo identificar elementos doutrinários franceses na FEB.⁴ O que será proposto é a interpretação do comportamento da tropa brasileira partindo dos pressupostos expostos no *Field Service Regulations, Operations*, 1944 (FM 100-5), manual que regula o exercício de comando das tropas americanas durante operações, objetivando encontrar elementos desta doutrina, isto é, práticas de combinação e coordenação das diferentes armas que compunham a unidade, ações de reconhecimento, organização da tropa e ações ofensivas aplicadas em circunstâncias particulares enfrentadas durante as operações. As disposições do manual serão expostas no capítulo 4, que contará também com um breve histórico da prática de combinação de armas no exército americano e a evolução de sua doutrina no período entreguerras.

O trabalho também não estudará a FEB integralmente, o objeto de estudo consiste em um destacamento da FEB, que operou na região do vale do rio Serchio, sob o comando do general Zenóbio da Costa, entre os meses de setembro e outubro de 1944. As ações do destacamento serão expostas no capítulo 3, através dos relatórios das operações do destacamento, do IV corpo de exércitos e de uma unidade de blindados que apoiou as ações da unidade, elaborados no pós-guerra e testemunhos de oficiais que escreveram memórias sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira. A História oficial do V Exército também será usada.

³ A França no entreguerras seguiu determinadas orientações estratégicas que definiram a sua derrota em 1940. O exército francês passou a depender de reservistas e o período mínimo de treinamento militar foi reduzido. A construção da série de fortificações na fronteira com a Alemanha, a linha Maginot, imprimiu nos políticos e no alto escalão militar uma sensação de proteção, impactando e reduzindo os investimentos nas tropas. Por último, a ideia de que uma ofensiva alemã repetisse a mesma manobra de 1914 levou-os a concluir que outra guerra seria lutada em território Belga. Doutrinariamente, a ênfase francesa em uma guerra defensiva fez com que o exército francês se orientasse em batalhas cuidadosamente planejadas, com longas preparações de artilharia e uma predominância da infantaria sobre outras armas. Tais preceitos geraram uma rigidez tática no exército, dificultando suas respostas diante de um inimigo mais flexível e móvel, como os alemães em 1940 (HOUSE, 2001, p. 85-86). No mesmo período, o exército brasileiro começou a importar a organização e doutrina francesa com a ajuda da missão militar francesa. Para mais informações ver: MALAN, Alfredo Souto. *Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988; e FILHO, Jayme de Araujo. *A Missão militar Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

⁴ A dialética entre as doutrinas foi discutida em SILVA, Daniel Albino. *A dialética de doutrinas francesa e norte-americana no exército brasileiro: O caso da Força Expedicionária Brasileira*. Rio de Janeiro, 2015.

As ações serão estudadas a partir do conceito de História como reconstituição elaborado por R. G. Collingwood, expresso pela primeira vez em suas palestras no ano de 1928 e que vai sendo desenvolvido até a maturidade da ideia, considerada em três capítulos dos epilogômenos de sua obra 'A ideia de História'. O conceito será discutido no capítulo 2, e a tentativa de reconstituição das ações do destacamento, com o auxílio do manual americano, estará no capítulo 5.

2 HISTÓRIA COMO RECONSTITUIÇÃO

O historiador tem diante de si uma tarefa complexa, que de maneira geral, consiste em uma interpretação de vestígios deixados por outros homens em épocas passadas. A dificuldade do trabalho está justamente na incapacidade do historiador de apreender o passado empiricamente, pois o conhecimento do passado só pode ser mediato, inferencial ou indireto (COLLINGWOOD, 2001, p. 288). O problema histórico se apresenta mais intrincado devido às fontes serem testemunhos ou objetos de pessoas que viram os acontecimentos. Ao entrar em contato com tais fontes, o historiador não tem outra forma de gerar o conhecimento histórico além da crítica dos testemunhos, pois estes podem gerar convicções acerca do passado, distinguindo-se assim da atividade da História (COLLINGWOOD, 2001, p. 288).

R. G. Collingwood expõe o problema da seguinte forma:

Se o historiador não possuir então qualquer conhecimento direto ou empírico dos fatos e não tiver qualquer conhecimento, transmitido ou testemunhado, desses fatos, que espécie de conhecimento é que ele tem? Por outras palavras, o que é que o historiador tem de fazer, para poder conhecê-los? (COLLINGWOOD, 2001, p. 288)

A resposta dada é a reconstituição do passado no próprio espírito do historiador (COLLINGWOOD, 2001, p. 288).

O conceito de reconstituição é expresso pela primeira vez nas palestras de Collingwood em 1928 e vai sendo desenvolvido até a maturidade da ideia, considerada em três capítulos dos epilogômenos de sua obra 'A ideia de História'.

Diante de um vestígio do passado, deve-se descobrir qual significado o vestígio tinha para quem deixou tal indício. Em suma, descobrir o pensamento⁵ expresso por meio das fontes. O pensamento realmente expresso pela ação do agente histórico, em tal contexto, pode ser descoberto pelo historiador, sem que o próprio agente tenha conhecimento de seu pensamento diante de sua ação quando a executa (DRAY, 1999, p. 41).

As ações históricas, neste contexto, possuem um “interior”⁶ ou “esfera de racionalidade” e um “exterior” (DRAY, 1969, p. 22). Para explicá-los “requer penetração nas razões do agente expressas no todo da ação” (DRAY, 1969, p. 22). Tal racionalidade que Collingwood requer:

é a que torna possível perquirir as deliberações práticas de um agente que busca orientar-se quanto à forma de atuar. Envolverá aspectos tais como a concepção que o agente faz dos fatos que o rodeiam, os objetivos que pretende atingir, seu conhecimento dos meios que podem ser empregados, escrúpulos que possa ter em adotá-los — tudo o que possa ser tomado em conta. [...] Quando ao historiador é dado perceber que as crenças, propósitos, princípios do agente, lhe dão um motivo para ter agido como agiu, poderá esse historiador afirmar que compreendeu a ação. (DRAY 1969, p. 23)

Pode-se pensar que a reconstituição de um pensamento que resultou em uma ação histórica toma um caráter de um argumento prático. Tal argumento fará a ação ser compreendida somente se houver a conexão entre a conclusão prática e as considerações do agente. Para Collingwood, a forma de validar o argumento é “testá-lo para ver se realmente pode ser pensado” (DRAY, 1999, p. 56). Entender uma ação de forma histórica é observar se ela é apropriada à situação como o agente a via (DRAY, 1999, p. 56).

Deve-se frisar que reconstituir a experiência do agente histórico não quer dizer reconstituir a experiência imediata do agente, ou sua ‘corrente de consciência’⁷. O pensamento repensado pelo historiador “deve ser idêntico em sua mediação e não em seu imediatismo” (DRAY, 1999, p. 57).

⁵ O significado de ‘pensamento’ para o autor é “uma certa forma de experiência ou atividade mental, cuja particularidade pode ser descrita negativamente, dizendo-se que não é meramente imediata e que, portanto, não é levada pela corrente da consciência.” (COLLINGWOOD, 2001, p. 309).

⁶ Aqui não será exposto o problema levantado por Dray de que a metáfora “interior-exterior” de Collingwood traz diante do agente histórico que não realiza uma ação no mundo físico, mas apenas pensa-a. Para clarificar ao leitor, o que propõe DRAY (1999, p. 41-42) sobre a metáfora é, ao invés de “interior” condizer com “o que é expresso” e “exterior” com “o que expressa”, os conceitos se modificariam para o “interior” ser “qualquer pensamento expresso” e “exterior” “qualquer evento expresso”. Naturalmente, o trabalho aqui feito não encontra o problema, pois o pensamento do comando do destacamento é expresso em ações no mundo físico.

⁷ Ver nota 5.

3 AÇÕES DO DESTACAMENTO ZENÓBIO

Após o período de instrução do escalão avançado da FEB em Vada⁸, foi organizado o destacamento sob o comando do General Zenóbio da Costa, para ser empregado em operações ao norte do rio Arno.⁹

Ao destacamento foi adida a 1ª companhia de Engenharia, que já estava operando desde o dia 6 de setembro sob o comando do IV corpo de exército. Foi decidido pelo General Mascarenhas de Moraes que o destacamento fosse composto, além da companhia de engenharia, pelo 6º regimento de infantaria, o segundo batalhão do 1º regimento de obuses auto rebocado (II/1º R.O.Au.R.) e uma companhia de evacuação do 1º batalhão de Saúde. Dentro da organização americana, o destacamento operaria como uma divisão, um *combat team* (BRASIL, 1946, p. 91). A tropa seria empregada

diretamente subordinada ao IV corpo de exército, compreendendo, então, os elementos acima citados, reforçados ainda por:

- Uma companhia de Manutenção
- Um pelotão de reconhecimento
- Um pelotão de Transmissões
- Um pelotão de Intendência
- Um pelotão de Polícia
- Um pelotão de sepultamento (BRASIL, 1946, p. 92).

O destacamento foi reforçado para suas operações com unidades blindadas americanas, uma companhia de *tanks destroyers*¹⁰, outra companhia de tanques médios¹¹ (Cia.

⁸ Vada é uma pequena cidade na província de Toscana, próxima de Livorno.

⁹ Trata-se da operação Olive, que já estava sendo executada.

¹⁰ Um *tank destroyer* é uma espécie de blindado designado para a combater os tanques inimigos. Diferenciam-se dos tanques por apresentarem uma menor blindagem e serem mais econômicos em sua fabricação, além de uma mobilidade superior. Entre os modelos usados pelos EUA e aliados na guerra, destacam-se o M10 e o M18 “Hellcat”. No exército americano as unidades de *tank destroyers*, eram organizadas em brigadas, grupos e batalhões. Sua missão primária era a destruição de tanques inimigos, mas também poderiam ser empregados como reforço para a artilharia, destruição de fortificações e apoio direto às tropas no assalto. No FM 100-5 há uma seção específica sobre a arma e seu uso, com enfoque principalmente em sua missão primária. Um detalhe da seção é a prescrição de que o batalhão de *tank destroyers* deve ser usado como uma unidade e seu desmembramento em pequenas unidades, como companhias, raramente dão bons resultados e frequentemente falha (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 315).

¹¹ Os tanques médios são carros de combate que visam um equilíbrio entre poder de fogo, blindagem e mobilidade. Na Segunda Guerra Mundial predominaram as classificações entre carros médios, leves e pesados. Ao longo do conflito, os carros de combate apresentaram um constante desenvolvimento para enfrentar as crescentes

C do 701º batalhão e Cia. C do 751º batalhão, respectivamente) e um pelotão de transmissões (BRASIL, 1946, p. 93).

A ordem expedida pelo general Mark Clark (V exército) expressa que o destacamento estaria subordinado ao IV corpo de exército, e o Quartel General divisionário da FEB deveria se deslocar junto ao *Regimental Combat Team* (RCT)¹², prestar-lhe assistência e supervisionar sua administração.

Nos dias anteriores à entrada do destacamento na linha de frente no dia 15 de setembro, o IV Corpo de Exército emitiu ordens ao destacamento que precisavam a missão e “outros pormenores interessantes às operações” (BRASIL, 1946, p. 94). No dia 12 foi expedida ordem para efetuar o deslocamento para Ospedaletto, cerca de 50 km de Vada, onde estavam estacionados as tropas brasileiras e o posto de comando regimental. Foi ordenado que no dia 13 o destacamento deveria se deslocar para um ponto de agrupamento ao sul da cidade de Pisa e ao noroeste de Vecchiano. Concluído o deslocamento, que o III batalhão realizou a pé, outra ordem do IV Corpo definia:

1º – Substituir os elementos do II btl./370º R.I.¹³ às 19 horas de 15 de setembro.

2º – Substituir o 434 A.A.A. Bn.¹⁴ às 19 horas de 15 de setembro.

3º – Manter contato com o inimigo e sondar-lhe o dispositivo por meio de vigorosa ação de patrulhas.

4º – Caso o inimigo se retire, persegui-lo mediante ordem do Q.G. do IV corpo.

5º – Manter contato com a 1ª divisão blindada (que opera a L.)¹⁵

necessidades encontradas no campo de batalha. Exemplos de carros de combate médios: M4 Sherman, americano, provavelmente usados aqui em alguma de suas variantes; T34, soviético; PzKpfw IV, alemão.

¹² Ou seja, o destacamento Zenóbio.

¹³ Segundo Batalhão do 370º Regimento de Infantaria.

¹⁴ Batalhão de artilharia antiaérea. O V exército estava com uma falta de pessoal em razão da abertura de uma nova frente na França pela operação Overlord. À guisa de solução, tropas consideradas para serviços na retaguarda, como unidades de artilharia antiaérea, eram deslocadas para a linha de frente.

¹⁵ BRASIL, 1946, p. 94.

A substituição na linha de frente se efetuou na noite do dia 15 de setembro, ao noroeste de Vecchiano, “nas alturas de O. de Filetole” (SILVEIRA, 1947, p. 55) em uma frente de aproximadamente 8 quilômetros¹⁶ (FIFTH ARMY, [1945], p. 81).

O terreno da zona de ação era caracterizado por uma planície no litoral do mar Tirreno e o vale do Serchio, onde estavam localizados os contrafortes Apeninos. O terreno aumentava sua altitude conforme se distancia do lago Massaciucoli, oferecendo duas zonas distintas, uma montanhosa e outra composta por montes. A divisão das duas zonas poderia ser reconhecida nos maciços ao norte da linha Stazzema – Pescaglia (MORAES, 1984, p. 176). A zona montuosa possui montes que dominam, pelo Sul, o entrocamento viário La Rena – Fattoria. A região dispõe de uma rede viária relativamente precária, sendo a rodovia transversal de Camaiore a Lucca mais importante, e quatro estradas paralelas, que acabavam nas montanhas de Stazzema – Pescaglia.

O terreno oferecia, assim, duas zonas para o avanço aliado, a costa e o vale do Serchio (MORAES, 1984, p. 177).

3.1 Primeira fase das operações: a conquista de Monte Prano

O destacamento substituiu tropas americanas dispostas em uma larga frente, com poucos contatos com o inimigo, sendo estes através de patrulhas. O general Zenóbio propôs adicionar mais um batalhão na linha para cobrir a brecha no dispositivo e poder avançar para o norte, em busca de contato com os alemães (BRASIL, 1946, p. 95).

O destacamento foi reforçado, além das companhias de blindados citadas acima, com outra companhia de *tank destroyers* (Cia. A) e com apoio de artilharia antiaérea pesada¹⁷. O IV corpo ordena que o destacamento ocupe a localidade de Massarosa, as cotas¹⁸ 467, 354, continue sua progressão na zona de ação e intensifique suas patrulhas (BRASIL, 1946, p. 95).

A reação do inimigo buscava retardar o avanço do destacamento, com pequenos esquadrões de patrulha (5 a 6 homens) agindo ao norte do lago Massaciucoli e com pouca ação de sua artilharia.

¹⁶ 5 milhas na fonte.

¹⁷ A unidade em questão é o 71 H. AA.. O documento não especifica se a unidade é um regimento, batalhão ou apenas uma bateria.

¹⁸ Elevações no terreno.

O destacamento, em seu avanço, conquista Massarosa e elevações próximas. No dia seguinte (17) o avanço é continuado com o auxílio de “fortes elementos motomecanizados”¹⁹ (BRASIL, 1946, p. 96) na vanguarda, ocupando elevações de Ghilardona, entre outras. O pelotão de reconhecimento chega em Stiava, alongando o flanco esquerdo (MORAES, 1984, p. 178).

Assim, o destacamento chega nas proximidades da linha defensiva alemã, a linha Gótica, na qual Monte Prano era um dos pontos importantes do sistema defensivo inimigo.

Atacando ao norte, o 1º batalhão com o apoio do 1º pelotão da Cia. C (*tank destroyer*) avançam até serem parados por um bloqueio na estrada (751 TANK BN, 1944, p. 6). Tropas do RCT conquistam Camaioire²⁰, com uma ação de reconhecimento do 2º pelotão (*tank destroyers*) e estabelecem um ponto forte na localidade. Imediatamente, é lançado um avanço em toda a frente para conquistar a linha que ia da cota 297 (Meschino) ao entrocamento de Cuco, na estrada La Rena - Fattoria. O entrocamento foi conquistado no dia 19, com o ataque de um batalhão no flanco direito, registrando as primeiras baixas brasileiras em combate na campanha. No mesmo dia, o IV corpo modifica os limites da zona de ação do destacamento Zenóbio.

Foi planejado para o dia 21 o ataque aos pontos avançados da linha Gótica. O destacamento atuava neste dia com o I batalhão no Oeste, o III ao centro e o II à direita do dispositivo (BRAYNER, 1968, p. 168). A manobra seria feita em três fases:

1ª fase – Tomar M. PRANO, por envolvimento, cobrindo-se à esquerda e fixando na direita o inimigo em contato.

2ª fase – Conquistar a linha M. VALIMONO – M. ACUTO – Cota 540.

3ª fase – Conforme informações, retificar a linha na altura de M. PRANO. (BRASIL, 1946, p. 96)

A artilharia foi reajustada no dia 23²¹ e no mesmo dia, foi realizada uma ação de reconhecimento com a 2ª Cia. sobre M. Prano (SILVEIRA, 1947, p. 57; MORAES, 1984;

¹⁹ O relatório do 6º regimento aponta que uma companhia, “reforçada e transportada em caminhões” conquistou Massarosa (BRASIL, [194-], p. 24).

²⁰ No dia 19 de setembro.

²¹ Segundo MORAES (1984) algumas baterias se encontravam em Babbano, fazendo fogo contra as posições em M. Prano.

BRAYNER, 1968). A ação de patrulha, liderada pelo 2º tenente Mário Cabral de Vasconcelos, avançou pelo Oeste, escalando as escarpas de M. Prano e fez contato com o inimigo no pico, causando baixas aos alemães e cumprindo a missão de reconhecimento. Averigua-se que o terreno não permite uma manobra de envolvimento pelo Oeste. No dia seguinte, a Cia. A do batalhão de *Tank destroyers* foi desligada do destacamento.

A operação para capturar M. Prano foi:

Reiniciada a 25 de setembro tendo a 8ª Cia²². ocupado a Cota 833 a nordeste de M. Pedone e a 3ª Cia. M. Valimona. [...] O I batalhão ocupou-o (M. Prano) na manhã do dia 26 e a 28 o II batalhão ocupava as povoações de Convale e Pescaglia (SILVEIRA, 1947, p. 57).

No dia 26, o pelotão de reconhecimento operou na direção de Stazzema, com o intuito de fazer contato com o inimigo, mas foi barrado por fogos de artilharia na localidade de Pietrasanta.²³

Diante da conquista de Monte Prano, os alemães tiveram seu dispositivo defensivo ameaçado, o que ocasionou sua retirada da frente para as posições na linha Gótica, entregando os pontos de M. Valimono e M. Acuto. As tropas brasileiras não conseguiram manter contato com o inimigo em retirada pelas dificuldades oferecidas pelo terreno.

²² No sistema triangular, cada batalhão é composto por 3 companhias. Um regimento de infantaria é composto por três batalhões e nove companhias. Os brasileiros identificam as companhias por numerais, enquanto a contraparte americana é identificada em ordem alfabética (por exemplo, a Cia. C/751 tank bn.). Aqui, a 8ª cia. estava localizada no centro do dispositivo do regimento, estando no III batalhão.

²³ O documento também fala de um insucesso de ataques ingleses na localidade de Massa. Massa se encontrava à esquerda da zona de ação brasileira, aproximadamente 12 Km ao noroeste de Pietrasanta. As tropas inglesas pertenciam à *task force 45*.

O V Exército rompe a linha Gótica, 18 - 22 de setembro de 1944

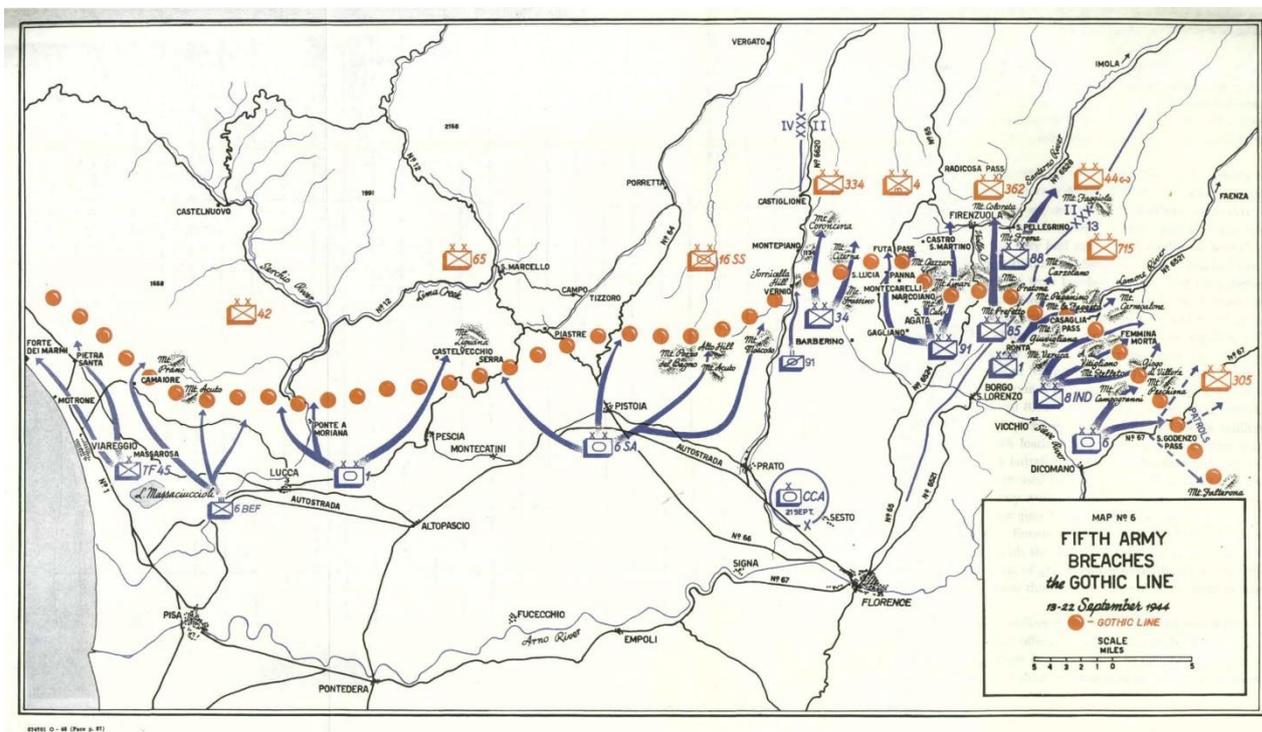


Figura 1. As ações em toda a frente do V Exército. As setas indicam o avanço das unidades. O destacamento Zenóbio operou no flanco esquerdo, avançando até Monte Prano. A unidade está representada como 6 BEF. É possível observar a concentração das ações ofensivas na direita do dispositivo aliado, enquanto o setor do destacamento era mais amplo. Os símbolos usados no mapa podem ser compreendidos com a tabela presente no link: <https://history.army.mil/books/wwii/11-4/symbols.htm>

Fonte: FIFTH ARMY, 1945.

3.2 Segunda fase das operações

No dia seguinte à conquista de M. Prano, o destacamento realizou ações de reconhecimento nos contrafortes ao sul dos Apeninos.²⁴

O IV corpo expandiu a zona de ação dos brasileiros, deslocando-a para a região do Vale do Rio Serchio. A bacia do Rio Serchio possui duas regiões distintas em terreno e relevo. Ao Leste, “apresenta elevações tendentes às formas arredondadas e cobertas de vegetação, principalmente castanhais” (MORAES, 1984, p. 183). Oeste, estão os Alpes da Apuânia, quase sem vegetação e com picos montanhosos, formando vales estreitos. Percorrendo o vale, “as

²⁴ Os montes Apeninos formam uma cordilheira no centro da península italiana. Na região em que as tropas estavam operando, as montanhas viram ao noroeste, formando um obstáculo para o vale do Rio Pó. Utilizando tais elevações, os alemães estabeleceram a linha Gótica.

estradas marginais, de vez em quando, superam cortes, túneis e aterros, bem como frequentemente cruzam pontilhões sobre seus tributários” (MORAES, 1984, p. 183).

O destacamento recebeu a missão de investir sobre Castelnuovo di Garfagnana pelo vale do Serchio e ligar-se com a *Task Force* 92²⁵ (BRASIL, 1946, p. 98).

As disposições dos batalhões do destacamento seriam: o I/6º R.I. seria deslocado para o vale, onde constituiria o esforço principal; II/6º R.I. teria sua zona de ação ampliada, para cobrir as ações no vale; o III/ 6º R.I. substituiu um batalhão de infantaria americano (III/ 370º R.I.). A artilharia também foi deslocada, com o II/ 1º R.O.Au.R²⁶ se posicionando em Val D’Ottava²⁷.

No dia 29 os elementos avançados do destacamento atingem a linha Stazzema – Fornoli, ocupando as cidades de Pescaglia e Borgo a Mozzano. No dia seguinte, os brasileiros do III/ 6º retomam o contato com o inimigo na altura de Campani, no vale. Nas montanhas à Oeste, o II batalhão encontra o inimigo em Fornovolasco em alturas de 1711 metros (MORAES, 1984, p. 183).

O comando do destacamento planejava avançar para Castelnuovo di Garfagnana, em um primeiro momento, avançando no flanco direito, para ocupar uma estrada transversal de Fabriche – Correglia; o próximo movimento seria em toda a frente, para garantir o reabastecimento das unidades nas montanhas, pela mesma estrada transversal; o terceiro movimento objetivava chegar nas elevações que cobriam Castelnuovo. Posteriormente, seria planejada a investida sobre a cidade.

Até o dia 5 de outubro²⁸, o destacamento avança no vale sem grande oposição e tem seu limite modificado em relação a *task force* 92. No dia 6, são conquistadas pelo III batalhão as localidades de Correglia e Fornacci, onde se encontrava uma fábrica de munições utilizada pelos alemães. Durante a madrugada, os brasileiros repelem uma patrulha inimiga, aproximando-se de Fornacci. No dia 7, é ocupada Fabriche.

Após Fabriche, o destacamento faz um reconhecimento das posições defensivas inimigas e atua para reestabelecer suas comunicações. O avanço da unidade era suspenso, até ordem ao contrário. O IV corpo coloca o batalhão de obuses, com exceção de uma brigada, para

²⁵ 92ª divisão de infantaria americana, apelidada de *Buffalo Soldiers*. A divisão era formada por afro-americanos. Os Estados Unidos mantinham unidades segregadas, tanto de afro-americanos como de *Nisei*, descendentes de japoneses.

²⁶ Regimento de Obuses Auto Rebocado.

²⁷ Valdottavo, atualmente.

²⁸ No dia 4, o III/ 6º R.I. movimentou-se para o norte, com seus elementos da esquerda chegando nas proximidades de Fornacci (MORAES, 1984, p. 184).

a artilharia do corpo e retira um batalhão para Camaiore (BRASIL, [194-], p. 31). Tais unidades serviriam, caso necessário, de reforço para ações ofensivas na zona de ação da *task force* 92, no litoral.

Nos dias que se seguiram, o destacamento realizou ações de patrulha, atingindo Barga. Ao sul de Gallicano, os brasileiros da 7ª cia. receberam fogo de metralhadoras e morteiros, mas ocuparam a localidade (SILVEIRA, 1947, p. 58). Patrulhas alcançaram Castelvecchio e outras localidades sem contato, mas foram repelidas na direção de Sommocolonia. É relatado que algumas regiões eram constantemente bombardeadas pela artilharia inimiga, inclusive de calibre 280 mm²⁹. As posições defensivas inimigas estavam localizadas nas elevações que visavam a estrada Gallicano – Castelnuovo, principalmente em Fascindora, e eram mantidas por artilharia e infantaria.

No dia 11 é realizada a operação que conquista Barga e Gallicano e a estrada que as une (BRASIL, 1946, p. 101).

Nos próximos dias foram realizadas ações de reconhecimento na região do vale de Sercchio. As unidades retiradas anteriormente retornaram ao comando do destacamento. Realizou-se reparos em rodovias e o lançamento de uma ponte próxima à Castellacio. No dia 18, o I/6º R.I. volta para a reserva do IV corpo. É constatado um aumento da atividade de reconhecimento e artilharia inimigos.

O comando do destacamento conclui que o inimigo poderia oferecer resistência na linha Sassi – Campio – Lama di Sotto, podendo ser reforçado nas suas posições e com capacidade para realizar golpes de mão³⁰ sobre os elementos avançados brasileiros.

No dia 19, retorna ao comando do destacamento a cia. de *tank destroyers* do 701º batalhão e o segundo batalhão do R. O. Au. R.. O ataque previsto para o dia 21 sobre as alturas próximas de Castelnuovo foi adiado em razão do reforço de um regimento de infantaria alemão na região.³¹

²⁹ Os alemães fabricaram peças de artilharia pesada reaproveitando canhões navais para uso terrestre, adaptando-os em vagões para transporte em linhas ferroviárias. Não foi possível para o autor definir se se trata realmente de tais peças, pois há o registro de duas peças, ‘Robert’ e ‘Leopold’, que foram deslocadas para o teatro de operações da Itália, para auxiliar no ataque à cabeça de praia de Anzio. Elas eventualmente foram destruídas pelos seus operadores durante sua tentativa de evacuação, em maio ou junho de 1944. Outra possibilidade é que o relatório se refere ao lança foguete 28 cm *Nebelwerfer* 41 que utiliza foguetes do mesmo calibre.

³⁰ Atribuída a Erich von Manstein, a tática do “golpe de mão” foi usada na contraofensiva da *Wehrmacht* na terceira batalha de Karkhov, na frente Leste. A tática consiste em ceder terreno ao inimigo, para causar-lhe uma sobre extensão e, em seguida, atacar os flancos abertos pela força atacante, cercando-a. Considera-se que as ações em Karkhov permitiram a estabilização da frente após a derrota em Stalingrado.

³¹ 1044 R. I. pertencente a 232ª divisão de infantaria alemã.

O dispositivo brasileiro é então reajustado, dispondo o centro de gravidade³² do destacamento em Borgo a Mozzano (BRASIL, 1946, p. 102). Realizam-se pequenos avanços e movimentos até o dia 27.

O destacamento começa então preparativos para a ação principal que seria planejada em duas fases. A primeira fase seria um esforço pela margem leste (direita do dispositivo brasileiro) do rio Sercchio, para conquistar a linha Calomini – C. Casella – S. Quirico – Colle – cota 906 – Lama di sopra. A segunda fase seria um avanço a cavaleiro pelo rio e investir sobre Castelnuovo pela esquerda. No dia 29 é ocupada Calomini e articulou-se o dispositivo no ponto de partida (BRASIL, 1946, p. 103). O general Mascarenhas intervém na data do ataque prevista no dia 29 para o dia 30 de outubro para que fosse reajustado o dispositivo da artilharia brasileira, garantindo um melhor apoio à infantaria (MORAES, 1984, p. 187).

O documento então discorre sobre a ordem de batalha inimiga:

Na frente compreendida entre Brucciano e Lama di Soto, parece ocupar uma posição defensiva o 2º R. I. Alpino da divisão Monte Rosa (Exército Republicano Italiano), presumivelmente de fraco valor combativo, que substituiu, no dia 23, o I/40º R.I. alemão.

Na frente entre Monte Altissimo e Perpoli, acha-se instalado defensivamente o I/2º R.I. (alpino). De S. Quirico a Lama di Sotto parece estar o II/2º R.I. (alpino).

A oeste de Brucciano parece conservar suas anteriores posições o II/25º R.I. (Alemão)

Entre Colle di Vento e Alpetre Potenze foi identificado o I/1044º R. I. (Alemão). (BRASIL, 1946, p. 103).

³² Clausewitz define o centro de gravidade utilizando o conceito da mecânica. Basicamente é o ponto em que se concentra a maior massa de matéria, ou seja, a superioridade em força de um exército. Segue-se como é explanado: “O centro de gravidade está sempre situado onde a maior massa de matéria está concentrada, e o golpe desferido no centro de gravidade de um corpo é o mais eficaz; o golpe mais poderoso é também aquele que se aplica com o centro de gravidade da potência utilizada. O mesmo se sucede em guerra. As forças armadas de qualquer beligerante, Estado isolado ou aliança de Estados, têm uma certa unidade, e por consequência uma certa coesão. Estas forças têm pois determinados centros de gravidade, cujo o movimento e direção determinam os dois outros pontos, e tais centros de gravidade encontram-se onde estão reunidos os corpos de tropas mais importantes.” (CLAUSEWITZ, 1996, p. 682)

O comando conclui que o inimigo pode resistir em suas posições e pode ser reforçado para mantê-las.

Chuvvas na madrugada do dia 30 retardaram o ataque em cerca de uma hora. O ataque principal se deu em toda a frente Leste do rio, e no Oeste um ataque diversionário com ações de patrulha. Ao longo do dia são atingidos os objetivos previstos na primeira fase da ação, com o I batalhão desdobrado em companhias.³³

Na madrugada do dia 31 a 3ª Cia. sofre um contra-ataque inimigo frontal e pelos flancos na região de Pian de los Rios, retomando-a. Ao longo da tarde, outro contra-ataque alemão, apoiado por artilharia, reconquista as cotas 906 e 1048, então ocupadas pelos brasileiros, que, diante do esgotamento de munições da 1ª Companhia e da 2ª estando ameaçada de envolvimento, recuaram para posições em Catagnana e Sommocolonia, respectivamente.

Assim, o flanco direito teve de ser recuado para uma linha à retaguarda do objetivo (S. Piers – Sommocolonia), distante do ponto de partida do ataque do destacamento.

O recuo do destacamento marca o fim do comando do general Zenóbio da Costa na unidade, que posteriormente seria completada com o segundo e terceiro escalões de tropas vindas do Brasil, formando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira.

O destacamento, desde sua entrada em linha, no dia 15 de setembro, até dia 31 de outubro avançou cerca de 40 quilômetros em território controlado pelas forças do eixo, sendo 22 quilômetros no vale do Serchio.

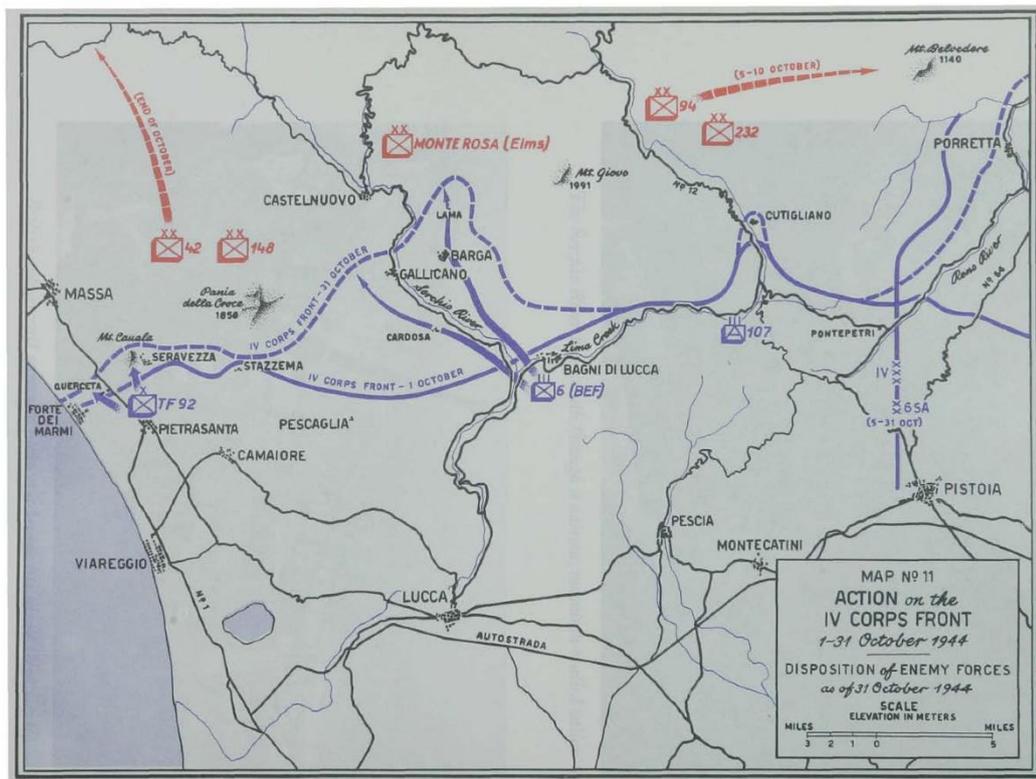
O documento trata de alguns erros que o destacamento cometeu antes do contra-ataque inimigo, como a falta de estabelecer um plano de fogos e articular um sistema de segurança, depois de conquistar o objetivo, além de ignorar a conduta do exército alemão de contra-atacar³⁴ posições consideradas importantes para a defesa (BRASIL, 1946, p. 104). Os erros são apenas

³³ Às 9:45 a 1ª Cia. apodera-se da cota 906; a 2ª Cia conquista Le Rochette. Próximo ao meio dia, a 2ª Cia. ocupava Lama di Sotto e a 3ª Cia ocupou Pian de los Rios e Colle. A 7ª Cia. (III batalhão) investe sobre Monte San Quirico, ocupando-o perto das 18:30 (MORAES, 1984, p. 188).

³⁴ Como pode ser visto os brasileiros tomam os objetivos no dia 30. O contra-ataque alemão é desferido na madrugada do dia 31, indicando uma pausa de horas nas ações ofensivas brasileiras. O *Truppenführung* (o manual do exército alemão) trata de tais situações da seguinte forma: “Se o ataque inimigo quebrar, o defensor deve mudar para a ofensiva, se forças adequadas estiverem disponíveis [...] Um envolvimento oferece a melhor chance de sucesso.” (CONDELL & ZABECKI, 2009, p 131). Em um parágrafo posterior há uma passagem mais significativa: “Se a batalha terminar indecisiva, ou se uma calma se estabelecer nas operações, uma situação pode resultar em que os oponentes se opõem em combate de pequenas unidades e as condições se aproximem de uma guerra posicional. Em tal situação uma decisão deve ser tomada de manter a posição, ou estabelecer uma nova posição à retaguarda. No último caso, a posição antiga pode ser usada como posição avançada ou como posto avançado da nova linha de resistência. Se a principal área de batalha é mantida, ela é fortificada e as posições mais fracas reforçadas ou abandonadas. Postos avançados são empurrados o mais longe possível.” (CONDELL & ZABECKI, 2009, p 131). Os alemães podem ter escolhido manter as posições conquistadas pelo destacamento como posições avançadas e interpretado a pausa dos brasileiros como uma interrupção de suas ações ofensivas.

citados sem maior discussão de seu teor. O general Mascarenhas de Moraes atribui ao excesso de confiança do destacamento e de seu comandante, general Zenóbio da Costa, ocasionado pelas vitórias anteriores e a conduta inimiga até o momento, de retrair diante do contato (MORAES, 1984, p. 190-193).

Ação na frente do IV corpo de exército, no mês de outubro de 1944



876791 O - 46 (Page p. 173)

Figura 2. Avanço do destacamento Zenóbio (6 BEF) no Vale do Rio Serchio.

Fonte: FIFTH ARMY, 1945.

A bacia do Rio Serchio



Figura 3. As linhas de frente do destacamento Zenóbio no seu avanço até o término das operações, em 30 de outubro de 1944. Observar a diferença entre a linha de frente do dia 30 com a disposição presente na figura 3.

Fonte: MORAES, 1984, p. 191.

4 O FIELD SERVICE REGULATIONS, OPERATIONS, 1944

O Exército Americano durante sua participação na Primeira Guerra Mundial esteve sob influência das táticas e doutrinas francesas. Após o término das hostilidades, durante a década de 1920, os americanos iniciaram estudos que concluíram que os preceitos da guerra posicional de trincheiras não eram adequados para o continente americano, gerando a adoção de um padrão triangular nas divisões de infantaria, em conformidade com os exércitos europeus e um enfoque na instrução de oficiais para uma guerra de movimento (HOUSE, 2001, p. 96).

Na década de 1930 houve um esforço para a motorização do exército, com o objetivo de substituir o máximo possível da força humana pela mecânica. O esforço resultou em estudos centrados na 2ª Divisão de Infantaria Americana, formada estruturalmente com 13,552 homens. A divisão conduziu testes para determinar a quantidade de poder de fogo necessária por homem e por unidade, a proporção de artilharia e transporte que suportariam as unidades e em qual escalão as diferentes armas da infantaria seriam alocadas (HOUSE, 2001, p. 97).

Os americanos aplicaram alguns conceitos nas suas divisões triangulares de infantaria a partir de ideias do Tenente General Lesley McNair. Um dos princípios era que uma divisão de infantaria não precisava de unidades especializadas requeridas para missões ou situações específicas. Desta forma, tais unidades formavam uma reserva de batalhões e companhias especializadas, que deveriam ser controladas pelos escalões superiores, atrelando-os às divisões de acordo com as necessidades das missões ou em pontos críticos (HOUSE, 2001, p. 137).

Tais conceitos, quando aplicados na prática, revelaram-se pouco eficientes. Independente do terreno e do inimigo, a maioria das divisões de infantaria na Europa e Pacífico acreditavam que precisavam de tanques, artilharia antiaérea, *tank destroyers* e apoio de engenheiros não divisionais em praticamente todas as circunstâncias (HOUSE, 2001, p.138).

Em decorrência da prática das unidades, as forças atreladas foram subdivididas e atreladas aos regimentos de infantaria, junto também de elementos divisionais orgânicos, como engenheiros e suporte médico. O regimento passou por mudanças em 1942 e 1943, adicionando seis obuseiros de 105mm, para que a unidade obtivesse sua própria artilharia mesmo sem o apoio do batalhão de artilharia de campo. Assim, a maioria dos regimentos de infantaria operava normalmente como *regimental combat teams* (RCTs). Isto significa que os regimentos tinham sua parcela dos elementos divisionais, médicos, de engenharia e artilharia de campo atrelados ou em suporte direto. Os RCTs tinham *tank destroyers*, tanques e artilharia antiaérea autopropulsada. A unidade assim operava como uma pequena divisão, uma força de armas combinadas (GREENFIELD & WILEY, Apud HOUSE, 2001, p. 139).

O *Field Service Regulations, Operations, 1944*, conhecido como FM 100-5, dispõe sobre a doutrina de comando e liderança de tropas em combate e táticas de armas combinadas, provavelmente norteando a ação dos batalhões do destacamento Zenóbio. O FM 100-5, a partir de 1941, se baseou em elementos da doutrina alemã, principalmente em questões de comando e incentivo ao exercício de independência e iniciativa dos oficiais intermediários na cadeia de

comando. Não é claro se as semelhanças entre o FM 100-5 e a doutrina alemã se estendem além dos elementos de comando, às questões táticas do combate em si.³⁵

Dividido entre parágrafos numerados nos assuntos em que trata, o FM 100-5 apresenta os conceitos para a ação de um comandante em campo nas forças armadas americanas e aqui considerado, no destacamento Zenóbio. A tradução do documento foi feita pelo próprio autor.

Organograma de uma divisão triangular de infantaria americana em 1941

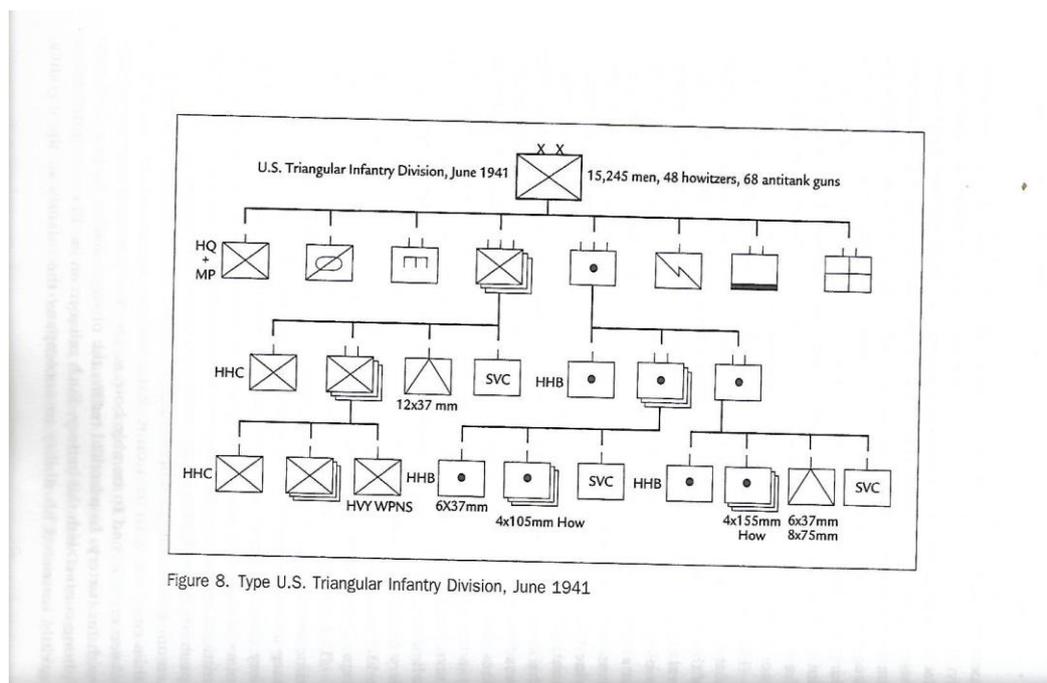


Figura 4. Divisão triangular de infantaria americana em 1941. Os símbolos estão no padrão OTAN³⁶.

A primeira fila apresenta, da esquerda para a direita: o quartel general divisionário mais a polícia militar, no valor de uma companhia; uma companhia de cavalaria mecanizada; um batalhão de engenheiros; três regimentos de infantaria; um regimento de artilharia; uma companhia de sinais; um batalhão logístico e um batalhão médico.

Fonte: HOUSE, 2001, p. 100.

4.1 O reconhecimento

As disposições gerais sobre o reconhecimento tratam da missão, propósito e informação. O reconhecimento é assim um “esforço dirigido em campo para reunir informações

³⁵ A elucidação dessa questão é assunto para um estudo mais aprofundado de questões doutrinárias, que fogem do intuito deste trabalho.

³⁶ Para uma melhor compreensão da extensa simbologia de unidades da OTAN, ver NATO. *APP-6 NATO Joint Military Symbolology*. Disponível para download no formato PDF no site da instituição: <https://nso.nato.int/nso/zpublic/ap/prom/app-6%20edd%20v1%20e.pdf>

do inimigo, terreno ou recursos. É classificado como distante, próximo ou de batalha” (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 51). O propósito é buscar informações nas quais serão baseadas as ações táticas ou estratégicas.

A informação sobre o inimigo pode incluir sua “localização, dispositivo, força, organização, composição, movimentos, atitude, equipamento, suprimento e moral” (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 51).

O terreno inclui posições de batalha, caráter das estradas, córregos, cobertura, dissimulação e áreas de bivaque.³⁷

A fontes de informação são variadas e incluem observações do terreno ou objetos, reconhecimento terrestre e aéreo, o exame e identificação de habitantes, prisioneiros, espões, documentos e fotografias aéreas. Missões de reconhecimento, apesar de geralmente serem discretas em seus movimentos, às vezes pode ser necessário recorrer ao combate para obter informação.

O reconhecimento terrestre pode manter contato contínuo, operar sob condições climáticas desfavoráveis ao reconhecimento aéreo, e conseguem determinar detalhes da atividade inimiga, sua força, composição e sua eficiência de combate. Mas não conseguem obter um quadro completo da situação do inimigo em profundidade.

Quando há falta de elementos de reconhecimento adequados, pode ser empregada uma unidade consistindo em infantaria motorizada e elementos de reconhecimento disponíveis, ou exclusivamente de infantaria motorizada. Uma unidade assim deve ser reforçada com outras armas.

Quanto mais próximo estiver do inimigo, mais intenso é o reconhecimento. A informação mais detalhada das áreas importantes na zona de combate é necessária. Informação detalhada do terreno em áreas de combate possíveis é essencial (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 52-53).

Um reconhecimento efetivo requer concentração dos meios disponíveis em missões de importância. Dependendo da situação, alguns elementos de reconhecimento podem ser colocados em reserva para reforçar missões em andamento ou serem lançadas em outra direção.

Os elementos de reconhecimento terrestre ganham e mantêm o contato com o inimigo, e trabalhando através das brechas, ao redor dos flancos e retaguarda, buscam verificar a força, movimentos, composição e disposições da força principal inimiga e a aproximação de reforços.

³⁷ Bivaque é um estacionamento provisório de tropas, sob um abrigo natural ou a céu aberto.

O reconhecimento é executado de forma que o contato deve ser ganho o mais breve possível e uma vez obtido, nunca deve ser perdido. É uma responsabilidade de todas as unidades e é habitualmente dirigido aos flancos e na frente. Se a situação exigir também é dirigido à retaguarda.

Forças terrestres com missões de reconhecimento obtêm informação principalmente usando patrulhas. Quando, seja por ação inimiga ou distância dos objetivos, as patrulhas necessitarem de apoio para executar sua missão, o reconhecimento é executado por destacamentos que apoiam a ação das patrulhas e fornecem substituição para a vigia.

Características do terreno que oferecem uma observação do dispositivo inimigo constituem objetivos especiais do reconhecimento. Ação agressiva e ativa das patrulhas para assegurar pontos chave no terreno é imperativa (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 55).

Elementos de reconhecimento fracos evitam o combate, a menos que seja necessário obter informações essenciais. Se o inimigo é superior, a missão é mais facilmente completada contendo ações de reconhecimento inimigas ou de segurança na frente, enquanto se busca agir nos flancos. Informações essenciais às vezes só podem ser obtidas através do ataque.

Quando a resistência hostil encontrada não pode ser penetrada ou envolvida, um reconhecimento em força constitui a melhor maneira de clarear uma situação incerta. Tropas engajadas no reconhecimento em força fazem geralmente um ataque limitado. O comandante que ordena um reconhecimento em força deve considerar a possibilidade de que suas intenções, ou de um comandante superior, serão expostas. Ele também deve estar preparado que seu reconhecimento se desenvolva em um engajamento geral.

Todos os comandantes devem fazer um reconhecimento pessoal para obter informações do terreno e da situação. Equipes de reconhecimento são mandadas para frente para obter informações detalhadas do terreno e determinar rotas e áreas cobertas disponíveis para o desenvolvimento do comando; para escolher locais de reunião dos vários elementos do comando, da posição da força de cobertura e localizar a zona de resistência para organizar a defesa (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 56).

4.2 A ofensiva no FM 100-5

O capítulo 10 sobre a ofensiva trata, na primeira secção, das disposições gerais como o objetivo, distribuição de forças, formas de ação ofensiva, disposição de uma frente e profundidade da posição, uso de reservas e coordenação.

Na questão do objetivo, ele pode ser atingido pela manobra ou geralmente por batalha. Uma manobra tática bem executada tem influência no resultado exitoso da batalha (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 109).

O propósito de uma ação ofensiva é a destruição da força inimiga. Para facilitar a tarefa, o comandante seleciona um objetivo físico, como um corpo de tropas, um ponto dominante no terreno, um centro de linhas de comunicação ou outra área vital na retaguarda inimiga (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 109). O objetivo deve ter as seguintes características:

- a. A captura deve ser possível dentro dos limites de tempo e espaço determinados pela missão.
- b. A captura deve assegurar a destruição do inimigo em sua posição, ou com a ameaça de sua captura forçar o inimigo a se retirar da posição.
- c. Deve produzir uma convergência de esforços.
- d. Precisa ser facilmente identificável.
- e. Sua captura deve facilitar operações futuras. (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 109)

A manobra tática durante a ofensiva é caracterizada pela concentração de esforços na direção que garanta a conquista do objetivo. No resto da frente, estarão apenas o mínimo dos meios para o engodo do inimigo e para impedir sua manobra de oposição ao ataque principal (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 110).

A distribuição de forças na ofensiva ocorre com a divisão de dois grupos táticos, um responsável pelo ataque principal, no qual é concentrado o maior poder ofensivo, e um grupo secundário, que deve garantir o máximo de apoio ao ataque principal (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 110).

O ataque principal é caracterizado por uma zona de ação mais estreita, com forte apoio de artilharia, tanques, aviação e outras armas de suporte, além de um escalonamento em profundidade das reservas (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 110). É sugerido que seja feito um estudo detalhado do terreno, para averiguar as possibilidades de manobra das unidades empenhadas no ataque principal.

O ataque secundário tem uma profundidade menor, reservas mínimas, máximo poder de fogo no escalão de ataque e zonas de ação mais amplas. Inicialmente, seus objetivos são limitados (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 110).

Uma vez que os escalões estão em ação, eles perdem sua disponibilidade imediata para outras missões. Desdobrados e sobre fogo, sua mudança de frente pode ocorrer com o risco de

pesadas baixas. O comandante pode influenciar o curso de uma ação através do uso de reservas, suporte de fogo e coordenação com o comandante da força aérea (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 111).

Outra seção do manual trata de formas de ação ofensiva, caracterizando-as como envolvimentos e penetrações. No envolvimento, o ataque principal é direcionado aos flancos ou retaguarda da disposição inicial das forças inimigas. Seu propósito é cercar a porção das forças inimigas em frente ao objetivo traçado. A surpresa do inimigo, a mobilidade das tropas e a capacidade do ataque secundário de manter o grosso da força inimiga, são fatores importantes para o sucesso do envolvimento.

Turning movement é um tipo de envolvimento em que o objetivo proposto está em algum ponto vital em profundidade da retaguarda inimiga. Nesta ação ofensiva, os grupos táticos manobrando operarão longe do ataque secundário, dificultando o apoio mútuo. Portanto, os grupos envolvidos nessa ação devem ser fortes o suficiente para evitar uma derrota em detalhe³⁸. Esse movimento é adequado para formações altamente móveis, como blindadas, motorizadas e aerotransportadas. Há situações em que o *Turning movement* pode ser usado, como diante de um inimigo em posição defensiva, com o intuito de deslocá-lo para uma posição mais conveniente para o atacante; e na perseguição do inimigo derrotado, quando a porção mais móvel das tropas manobra contra as linhas de comunicação inimigas, enquanto um ataque direto força o inimigo para a posição defensiva (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 113).

O duplo envolvimento é realizado por três grupos de ataque: um por cada flanco da posição inimiga e um grupo de ataque secundário, que atuará no centro. Esse tipo de ataque promete resultados decisivos e é recomendado que seja usado pelo comandante quando a situação permite.

O parágrafo 449 (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 114) trata das disposições que o inimigo pode tomar para defender seus flancos. O defensor fortalece seu flanco dispondo de reservas escalonadas em profundidade e largura, que serão movidas para combater no setor ameaçado de envolvimento. Tropas de setores menos ameaçados também podem ser deslocadas para ir de encontro ao movimento do atacante. O defensor pode então tentar realizar sua própria manobra de envolvimento ou estender seu flanco além do limite da força do atacante. Uma tentativa do atacante de responder a tais manobras podem levar a uma sobre extensão ou um perigoso distanciamento das forças de envolvimento das que realizam o ataque secundário. A

³⁸ Derrotar de uma força pelo fracionamento dela em unidades menores, que então serão enfrentadas e destruídas sequencialmente.

alternativa para o atacante é manter a formação em profundidade para explorar a vantagem de atacar a frente atenuada do inimigo. No caso em que o defensor estende seu flanco, o atacante deve prestar atenção na defesa de seu próprio flanco e usar reservas dos escalões superiores.

O outro tipo de ação ofensiva, a penetração, é usada quando as situações não permitem um envolvimento, e tem a vantagem de poder ser organizada mais rapidamente. Sua característica é buscar a ruptura completa do dispositivo inimigo e atingir o objetivo através da brecha aberta, além de envolver os flancos criados pelo rompimento. Para o sucesso da ação, são necessários surpresa, poder de fogo da artilharia para neutralizar a zona em que será realizada a penetração, terreno favorável para o avanço das tropas e força suficiente para atacar até o objetivo (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 115).

Na penetração de uma posição defensiva, o ataque principal deverá ser lançado em uma frente mais ampla que a planejada para o rompimento, a fim de segurar o inimigo nos flancos. A quantidade de artilharia, apoio aéreo e unidades mecanizadas³⁹ determinam a largura da frente. Quanto mais larga a frente, mais capaz é a força de penetrar em profundidade na posição e mais difícil para o inimigo fechar a brecha.

O ataque é realizado em três impulsos: o rompimento da posição inimiga, alargamento da brecha criada, com o envolvimento dos flancos, a captura do objetivo e exploração do sucesso. Dependendo da situação, as forças móveis podem ficar em reserva para serem usadas após o rompimento da posição, ou romperem diretamente ao objetivo e deixar a tarefa do envolvimento para tropas menos móveis (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 115).

A missão do escalão de ataque é romper em profundidade o dispositivo inimigo de forma a impedir a continuidade de sua posição na batalha. Até o cumprimento da missão, os esforços não devem ser direcionados aos flancos. Os eventuais contra-ataques deverão ser respondidos com fogo de artilharia, ataques da aviação e uso de reservas. A missão de abrir os flancos e explorar o rompimento é designada para a reserva.

O último parágrafo da secção dispõe sobre o sucesso da manobra ofensiva adotada, seja envolvimento ou penetração. Para seu sucesso, a ação depende primeiramente de uma execução inteligente, enérgica e coordenada (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 117). A execução, por sua vez, deve ser baseada em um plano sólido, influenciado pelo objetivo e direção do ataque principal. O emprego da combinação de armas segue as doutrinas de

³⁹ Unidades que possuem veículos blindados, que garantem uma certa medida de proteção, choque e poder de fogo para a tropa. Na ação ofensiva exposta, seu uso como reservas móveis será efetivo na conquista do objetivo e abrir os flancos inimigos.

conservação do poder de combate das tropas no escalão de ataque, assistência para que elas se aproximem do inimigo e apoio do ataque até quebrar o poder de resistência inimigo.

4.3 Disposição da frente, profundidade e reservas

A frente atribuída a uma unidade para o ataque varia de acordo com sua mobilidade, armamento, missão, seu poder de combate, terreno, suporte de fogo disponível e a resistência provável do inimigo. Em um batalhão de infantaria com sua força total para um ataque principal, geralmente é atribuída uma frente de 450 a 900 metros⁴⁰. Em um ataque secundário, a frente pode chegar a 1800 metros⁴¹.

As unidades são distribuídas em profundidade para garantir uma flexibilidade de manobra, continuidade do ataque e segurança. Em unidades de infantaria, a profundidade da formação é necessária no desdobramento inicial para que, ao longo da batalha, manobras imprevistas possam ser realizadas. Sua disposição lateral é governada pelo esquema de manobra e influenciada por vantagens oferecidas pelo terreno. Em caso de necessitar estender o comando, é aumentado o espaço entre as unidades (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 117-118).

A partir do parágrafo 458 o documento trata sobre o emprego de reservas. A força e localização da reserva varia de acordo com a missão, o tipo de manobra, a reação hostil e a clareza da situação. Após o ataque ser lançado, a reserva e as armas de suporte são os principais meios disponíveis ao comandante para intervir no curso da ação e garantir uma decisão favorável. A principal missão da reserva é entrar em ação ofensivamente no lugar e momento adequados para assegurar a vitória (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 117-118).

Em uma manobra de penetração, a reserva deve ser numerosa o suficiente para explorar o rompimento envolvendo um ou os dois flancos criados e operar na profundidade do dispositivo inimigo. No envolvimento, a reserva deve ser capaz de estender o envolvimento ou explorá-lo, operando contra a retaguarda inimiga. Se há flancos expostos ou ameaça do inimigo, algumas reservas frequentemente são escalonadas para assegurar a profundidade em ao menos duas direções. Quando a situação é clara e o inimigo limitado, a reserva consiste em uma pequena fração do comando disposta para favorecer a manobra. Se a situação for incerta, a reserva deve ser o grosso do comando, localizado em uma posição central e preparada para se mover a qualquer ponto na frente ou nos flancos (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 118-119). A

⁴⁰ No documento consta de 500 a 1000 jardas. A medida exata é 457,2 e 914,4 metros.

⁴¹ 2000 jardas. Em metros, 1828,8.

localização da reserva tem de estar em uma posição que a proteja contra observação e ataques, além de estar próximo de uma rede viária que facilite seu movimento.

Segundo o manual, a escolha do momento para usar a reserva é uma das decisões mais difíceis e importantes do comandante. No momento decisivo do uso da reserva, deve ser lançado cada homem disponível sem hesitação.⁴²

4.4 Coordenação

A secção inicia expondo que seu caráter é generalista, em que o recomendado está baseado em situações gerais, nas quais o máximo de coordenação entre os elementos disponíveis é aplicado. Nas demais situações, a aplicação vai de acordo com as possibilidades práticas (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 119).

O parágrafo 467 recomenda que, contra um forte inimigo, desenvolver um ataque diretamente da coluna de marcha pode sacrificar a capacidade das armas de suporte, como artilharia e blindados. Assim, deve-se organizar o ataque a partir de posições de agrupamento.

O comandante desenvolve o corpo principal para um ataque coordenado disponibilizando objetivos para a marcha, posições de agrupamento e rotas ou zonas de avanço. A ordem de desenvolvimento anuncia a missão das unidades que já estão engajadas, a missão da artilharia, disposições do corpo principal, medidas de segurança a serem tomadas e instruções para reconhecimento. As instruções devem ser o mais completas possíveis, para simplificar a ordem de ataque.

Os pontos de agrupamento dependem de fatores como: escuridão, cobertura do fogo observado da artilharia inimiga, conhecimento detalhado da situação e um plano de ataque já decidido em apoio às posições avançadas em conformidade com o plano de manobra⁴³. Unidades com alta mobilidade devem se preparar e desdobrar para a batalha a partir de distâncias maiores da frente hostil. Caso o plano de ataque preveja um envolvimento, a unidade que for realizar a manobra deve estar posicionada a uma distância suficiente do ataque secundário, para evitar interferências durante o ataque.

Os comandantes subordinados devem avançar os pontos de agrupamento de suas unidades conforme os planos e o conhecimento da situação se disponibilizam. Um batalhão de

⁴² Recomenda-se lançar unidades completas e evitar lançar frações para reforço.

⁴³ O trecho gerou dúvidas para o autor e a interpretação pode desvirtuar o sentido originalmente exposto no documento. Para melhor informar o leitor, está disponibilizado o original: “and a plan of attack already decided favor advanced positions located in conformity with the plan of maneuver” (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 120).

infantaria no escalão de ataque geralmente estará posicionado no local mais avançado possível na linha de partida. A posição deve garantir cobertura do fogo das armas leves inimigas.

Quando cada unidade chegar em sua posição de agrupamento, devem ser tomadas medidas para desobstruir as vias e de segurança contra ataques. A comunicação é estabelecida o mais rápido possível entre o posto de comando superior e suas unidades subordinadas. O equipamento não essencial para o combate é descartado, munição extra é distribuída para a tropa, reconhecimentos e a coordenação dos planos de manobra e de fogo das unidades são completados e as ordens de ataque são distribuídas imediatamente.

O desenvolvimento do comando termina com as tropas sendo distribuídas de acordo com o plano para seu emprego e em marcha de aproximação que favorece um desdobramento rápido. Quando o comandante decide que a rapidez da ação é essencial para obter vantagem tática, pode se dispensar os pontos de reunião, descentralizar as operações para os *combat teams* ou *task forces* e dar ordens para as unidades se desdobrarem e atacar.

As unidades subalternas desdobradas para o ataque têm designadas sua zona de ação, linha de partida, direção do ataque e um objetivo. Tais zonas de ação regulam os limites para o reconhecimento e o combate da unidade. A zona de ação não precisa ser ocupada inteiramente pela unidade, pois certas partes podem ser cobertas por fogo e pequenas patrulhas. Elas são definidas por fronteiras⁴⁴ ou limites laterais do objetivo. Flancos abertos não são marcados. As zonas de ação em grandes unidades são definidas no mapa; em pequenas unidades, são definidas no terreno. O documento destaca que os pontos designados devem ser facilmente identificados em terra (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 122).

Ainda sobre as zonas de ação, estas devem ir em profundidade da posição hostil, pelo menos até a posição das reservas e artilharia inimiga. Locais importantes e corredores no terreno proporcionais à força da unidade devem estar inteiramente em sua zona de ação. Caso seja necessário o apoio de outra unidade no ataque, isto deve estar claramente especificado. No decorrer do ataque, especialmente quando as reservas forem empregadas, as zonas de ação devem ser modificadas.

Algumas rotas mais favoráveis podem ser usadas por outras unidades temporariamente. O movimento não deve interferir na ação das unidades ou resultar em uma aglomeração de tropas. Movimento da artilharia ou outras armas de suporte em zonas de ação adjacentes são permitidos, mas devem ser cuidadosamente coordenados.

⁴⁴ Não se refere, naturalmente, às fronteiras nacionais e geográficas, e sim aos limites entre zonas de ação das unidades.

O batalhão geralmente é a menor unidade em que é definida uma zona de ação. Para menores unidades são designados direções e objetivos.

Quando fronteiras laterais não estão claramente definidas, elas são suplementadas por direções ao ataque na bússola. Isso é importante para pequenas unidades.

Quando grupos táticos são separados por largos intervalos e a direção de suas manobras não podem ser previstas, a definição de seus limites deve ser evitada até um momento posterior da ação. Em tais situações, frequentemente é necessário estabelecer uma linha limítrofe para a coordenação e controle do fogo de suporte (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 123).

A linha de partida define onde as tropas atacantes são lançadas e tem o propósito de coordenar o avanço do escalão de ataque para que seus elementos atinjam o inimigo em ordem e tempo desejados. A linha deve ser reconhecível no terreno e ser aproximadamente perpendicular à direção do ataque (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 123).

Sobre o tempo do ataque, o FM 100-5 dispõe que se há definida uma linha de partida, a hora prevista é do momento em que tal linha deve ser cruzada pelos elementos avançados do ataque. O tempo é determinado pelo período necessário para os comandantes fazerem o reconhecimento, prepararem os planos e distribuir ordens, para as forças coordenarem seus planos e para o escalão de ataque organizar-se e mover-se para sua posição.

O ataque secundário deve ser lançado antes do principal, para o inimigo reagir com a maior parcela possível de suas forças contra o ataque, ou ser lançado simultaneamente com o ataque principal.

Deve se promover a unidade de esforço distribuindo às unidades subalternas objetivos que assegurem suporte mútuo e prescrevendo onde e em qual direção seu esforço principal deve ser feito. A ação e a direção do ataque dos comandantes subordinados devem ir de acordo com o esquema de manobra do comandante superior. O comandante tem que constantemente agir para evitar que o ataque acabe degenerando em uma série de combates descoordenados (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 124).

A artilharia designada para o suporte direto de unidades deve manter um contato constante com a unidade por postos de comando comuns ou por agentes de ligação. Geralmente, um batalhão de artilharia é colocado em suporte direto de um regimento de infantaria ou brigada de cavalaria. A cooperação entre as duas armas é facilitada quando se associa as mesmas unidades na marcha e em combate (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 125).

O posto de comando da artilharia divisional está na proximidade ou no próprio posto de comando da divisão. O mesmo serve para o comandante mais graduado da artilharia de uma força menor de armas combinadas. Inicialmente os postos de comando da artilharia e da unidade sob suporte estão na mesma localidade, sendo de responsabilidade de ambos os comandantes os colocar juntos. Durante o curso da ação, se for necessário separar os postos, o comandante da artilharia deve estabelecer ligação com a unidade sob suporte e manter comunicação. O comandante da unidade suportada informa o comandante da artilharia sobre a situação, seu plano de ataque e como deseja o apoio da artilharia. O comandante da artilharia informa sobre pontos do terreno essenciais para a observação da artilharia e quais podem e devem ser obtidos durante o avanço, o terreno de onde a artilharia comanda a observação e o fogo, e os meios que a artilharia pode melhor apoiar o ataque. Com a troca de informações, os comandantes arranjam o plano de fogo em apoio ao ataque.

O comandante da artilharia deve responder às demandas da unidade sob suporte no limite de suas capacidades, sendo sujeito somente a ordens recebidas de uma autoridade maior. Se suas ordens entram em conflito com as necessidades da unidade suportada, o comandante deve se reportar a quem ordenou a missão e então acatar a decisão que resultará. Se a urgência da situação exigir a ação antes de se reportar, o comandante da artilharia age de acordo com sua iniciativa e seu conhecimento da situação, e então se dirige ao superior na primeira oportunidade.

O fogo de outras armas de suporte deve ser coordenado com a artilharia. O fogo dessas armas suplementa o fogo da artilharia em suporte direto, principalmente engajando alvos em primeiro plano quando sua neutralização pela artilharia pode ameaçar o escalão de ataque, e alvos dentro do alcance da artilharia que não podem ser atingidos (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 126).

A integração do ataque em um todo unificado exige coordenação e cooperação completas, antes e durante a operação, entre tanques, artilharia e aviação de combate.

4.5 Ataque de uma posição organizada

O defensor tentará esconder sua posição principal e enganar o atacante sobre suas posições, empregando forças de cobertura. O reconhecimento da posição hostil é de crucial importância. Tal reconhecimento busca determinar a localização, profundidade e extensão da

posição, sua ocupação, áreas contaminadas⁴⁵, localização da artilharia inimiga e obstáculos para os tanques. Caso o reconhecimento e os destacamentos avançados falhem em definir a principal posição inimiga, as tropas na vanguarda serão fortemente reforçadas com artilharia e outras tropas de apoio. Essas tropas executarão um reconhecimento em força contra pontos críticos nos postos avançados inimigos, para deslocar as forças de cobertura e determinar sua posição principal. A missão é conquistar o terreno que permita o desdobramento do comando e a observação da posição de batalha hostil (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 132).

Quando as tropas na vanguarda se deparam com um sistema organizado de fogos defensivos da artilharia e outras armas de suporte, é um indicativo que a posição de batalha inimiga foi encontrada. As tropas na liderança se estabelecem nos pontos críticos e buscam cobrir o movimento da artilharia para posições de apoio ao ataque.

O reconhecimento é continuado para obter informações que ajudam na condução do ataque. Ele fornece informações mais precisas para a distribuição de objetivos e base para o plano de fogo da artilharia e outras armas de suporte. O reconhecimento do terreno deve determinar as rotas mais favoráveis para chegar na posição inimiga, os obstáculos, localização de campos minados e possibilidades de emprego de unidades mecanizadas.

O terreno em que o ataque vai passar é estudado em campo e a partir de fotografias aéreas para determinar as áreas em que o inimigo organizou sua defesa, quais podem ser cobertas por fogos e em quais locais o atacante pode avançar com manobra e fogo de flanco.

A artilharia faz seu reconhecimento para estabelecer as possibilidades de observação de seu fogo, o local de sua posição de fogo e rotas de aproximação (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 133).

4.6 Operações em montanha

O terreno montanhoso não oferece obstáculos insuperáveis na condução de operações militares, mesmo em tempo frio, se as tropas estiverem bem equipadas. No geral, a mobilidade é diminuída, o movimento restrito, o poder de fogo e seu efeito são reduzidos e a comunicação e suprimentos são mais difíceis.

A guerra em montanha é caracterizada pelas dificuldades que o terreno oferece ao movimento. A inacessibilidade a certas regiões restringe as áreas que as tropas podem operar. A natureza restritiva de certas áreas como vales estreitos e desfiladeiros limitam a força que

⁴⁵ O manual não exclui a possibilidade de uma guerra química, tendo uma seção dedicada ao tema.

pode ser mantida e movimentada. A rede viária inadequada encontrada em montanhas esparsamente povoadas realça o valor militar das estradas existentes e adiciona importância para as alturas que as dominam (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 252 - 253).

Pontos chave no terreno consistem em alturas que dominam vales e linhas de comunicação com observação e fogo; passagens que permitem movimento entre as montanhas e estradas e ferrovias que devem ser asseguradas para suprimento.

O comandante é limitado nos meios que ele pode empregar no combate em montanha. O sucesso depende mais da adaptação dos meios disponíveis ao terreno que de seu poder. Manobra de pequenas unidades e a iniciativa e liderança dos comandantes subordinados são de grande importância no combate em montanha. São favorecidos pela cobertura disponibilizada para o movimento e a diminuição do poder de fogo resultado da enfilada⁴⁶ e por facilidade de observação. O plano de manobra para a força é objeto de maiores considerações que em outros tipos de terreno. O problema geralmente se desenvolve em questão de atacar as linhas de comunicação inimigas e defender suas próprias. As ações de unidades pequenas e quase independentes, conquistando e defendendo alturas que dominam as linhas de comunicação, ou lutando para assegurar ou bloquear passagens e outros pontos de defilada em rotas de comunicação ganham importância (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 253).

A infantaria frequentemente operará sem apoio aproximado de artilharia e outras armas de suporte. As metralhadoras raramente terão campos de fogo para sua utilização efetiva. Granadas de mão e morteiros adquirem particular importância.

A engenharia tem sua importância aumentada pela dificuldade do terreno. A prioridade é a manutenção e construção de estradas. A demolição é facilitada por haver numerosos pontos sensíveis nas estradas. Explosivos são necessários para construir a mais simples trincheira, devido ao solo pedregoso (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 255-256).

A operação das unidades de sinais é afetada pela escassez de linhas comerciais, dificuldades de estabelecer linhas, por espaços sem recepção de rádio e por barreiras no terreno entre os corredores em que as tropas estão operando. Depende-se de sinalização visual e por mensageiros.

O reconhecimento na guerra de montanha é facilitado pela restrição de movimentos inimigos às estradas disponíveis, mas é dificultada por mudanças no clima, pelo terreno acidentado e cobertura disponível ao inimigo. A aparente intransponibilidade de certas áreas

⁴⁶ Enfilada e defilada são conceitos militares relativos à exposição das tropas ao fogo. Uma unidade em defilada está coberta por um obstáculo natural ou artificial, enquanto tropas em enfilada estão expostas ao fogo lateral ou pelos flancos.

não deve levar à conclusão de que estão inacessíveis ao inimigo. Mapas de regiões montanhosas dificilmente são precisos e o conhecimento do terreno deve ser adquirido com o estudo em campo. O uso de guias locais pode ser vantajoso. O reconhecimento ofensivo, executado por destacamentos treinados, operando em áreas difíceis fracamente guardadas, produzem excelentes resultados. As capacidades para o reconhecimento de pequenos elementos operando com ousadia não devem ser subestimadas (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 257).

Na ofensiva, a unidade operará em um eixo de avanço. As operações de grupos táticos são direcionadas a pontos chave no terreno, que são objetivos ou que devem ser ultrapassados. Em terreno difícil, um batalhão reforçado é a maior unidade que pode ser usada no ataque (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 260).

Devido à importância das linhas de comunicação, os objetivos geralmente são pontos no terreno como passagens e alturas que controlam as linhas de comunicação inimigas ou de pontos em que o inimigo pode dominar linhas aliadas pelo fogo ou observação.

O comandante influencia a ação decidindo onde será o ataque principal. Geralmente será onde o terreno oferece melhores oportunidades para manobras de flanco por pequenas unidades, suporte efetivo de fogo e a mais vantajosa rota de aproximação para o objetivo. Grupos táticos em áreas adjacentes realizam ataques secundários. Reservas são disponibilizadas para reforçar o ataque principal. Se o terreno permitir, as reservas são postas de maneira que podem explorar o sucesso do ataque secundário (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 261).

O sucesso dos grupos táticos é explorado por perseguição. Quando reservas e o terreno permitem, o grupo tático é reforçado, que deve avançar rápida e profundamente na direção designada e movimentar-se lateralmente contra o inimigo que segura outros grupos táticos. É na ação lateral contra as linhas de comunicação inimigas que causarão o retraimento geral das forças hostis, transformando a exploração de um sucesso local por um grupo tático em uma perseguição por toda as forças (WAR DEPARTMENT, 1944, p. 262).

5 RECONSTITUIÇÃO DO EXERCÍCIO DE COMANDO DO DESTACAMENTO ZENÓBIO

A partir da entrada em linha no dia 15 de setembro⁴⁷, o destacamento operou de maneira quase independente, com o IV corpo transmitindo ordens gerais e definindo os objetivos que deviam ser tomados. Tal independência é ilustrada pelos pedidos do general Zenóbio de lançar mais um batalhão em linha para avançar, abrindo mão de alguma reserva na zona de ação em ao menos duas ocasiões, na primeira fase das operações e na tentativa de investir sobre Castelnuovo.

A característica do destacamento operar como um *regimental combat team* (RCT) é evidenciado pelos reforços de companhias de *tank destroyers*, elementos divisionais orgânicos, como uma companhia de engenheiros, de manutenção, pelotões de saúde, de transmissões, intendência, polícia e reconhecimento, além da artilharia antiaérea e posteriormente, com reforço de artilharia do IV corpo. O 6º regimento, que forma a base de infantaria do destacamento Zenóbio, reforçado com os elementos citados, adquire um grau de independência e flexibilidade semelhante ao de uma divisão devido à combinação de armas proporcionada pelos elementos adicionados.

É possível observar em ambas as fases das operações do destacamento uma ênfase nas ações de patrulha. De acordo com o manual, o reconhecimento pode ser feito por infantaria motorizada, reforçada por outras armas. Nas ações que resultaram na conquista de Ghilardona e elevações nas proximidades, o destacamento operou avançando auxiliado por caminhões e por unidades de *tank destroyers* e artilharia antiaérea, indicando que o comando estava ciente do uso de outros expedientes para a realização de reconhecimento. Operando pelo flanco esquerdo, até Stiava, o pelotão de reconhecimento age como é recomendado, mas não há indicação de um contato significativo com o inimigo. De maneira geral, nos primeiros avanços do destacamento, o contato com os alemães se resume a encontros com pequenas patrulhas e ação da artilharia inimiga.

Não há menção nos relatórios do reconhecimento detalhado do terreno e da situação, mas nas memórias do general Mascarenhas de Moraes se encontra uma apreciação relativamente detalhada do terreno da zona de ação. É improvável que tal apreciação não tenha sido feita em campo na época, pelo próprio general ou pelos comandantes do destacamento, tendo em vista que o FM 100-5 expressa que todo o comandante deve fazer um reconhecimento pessoal do terreno e da situação. Reconhecimentos anteriores, feitos pelo IV corpo de exército

⁴⁷ A linha de frente do regimento é bastante extensa, de aproximadamente 8 quilômetros, que em condições ideais deveria ser cerca de 3 ou 6 quilômetros, 900 ou até 1800 metros por batalhão. Além do que é sabido, de que o V exército passava por uma falta de pessoal, soma-se fatores como a natureza do terreno da região, o comportamento do inimigo e o caráter secundário do flanco esquerdo em que se encontrava o IV corpo de exército, para explicar o porquê de uma disposição tão ampla para uma unidade não divisionária.

e pela aviação, também estariam nas mãos do destacamento. A situação também se mostrava conhecida, justificando a decisão do comando de avançar sem destinar reservas para um eventual contra-ataque inimigo ou alguma ação que ameaçasse a posição das tropas aliadas.

A guerra em montanha é característica nas ações do destacamento sobre Camaiore e o entroncamento La Rena – Fattoria. Observa-se a importância de dominar as elevações que dominam a rede viária, sendo que o destacamento é lançado simultaneamente para se apossar da linha que ia da cota 297 (Meschino) ao entroncamento. A estrada aqui tem um papel importante, pois com apenas um bloqueio, foram paralisadas as ações de um dos batalhões do destacamento, reforçado por um pelotão de *tank destroyers*. A ação apenas sobre o entroncamento seria inviabilizada sem a conquista das elevações próximas, pois o inimigo em posse do entroncamento e já desprovido das cotas causou baixas na tropa brasileira. Supondo que os alemães ainda dispusessem das elevações, as baixas brasileiras seriam mais elevadas, considerando que o inimigo conseguiria observar e direcionar o fogo de artilharia sobre as tropas atacantes.

As ações que resultaram na conquista de Monte Prano apresentam diversos elementos que constam no manual de campo. O reconhecimento em montanha, com a ação de patrulha do 2º tenente Vasconcelos, demonstra que as pequenas unidades têm um valor significativo em missões dessa natureza. A operação com ousadia em um terreno de difícil acesso, como as escarpas a Oeste do monte, obtém resultados positivos, através da surpresa do inimigo, sua relativa imobilidade e a cobertura que o pelotão Vasconcelos obteve para avançar e realizar a missão.

A ação planejada inicialmente pelo comando para investir sobre Monte Prano parece indicar uma manobra de duplo envolvimento, com dois batalhões operando pelos flancos e outro ao centro, como ataque secundário. O reconhecimento sobre a posição permitiu um conhecimento mais detalhado da região, mostrando a dificuldade de manobrar pelo flanco esquerdo, o que ocasionou uma mudança na ação planejada. O III batalhão atacou no centro do dispositivo, conquistando no dia 25 M. Pedone, ao Sul de M. Prano. O I batalhão acaba conquistando Monte Prano no dia 26 sem envolvê-lo pelo Oeste. O II batalhão, operando pela direita, chega em Pescaglia no dia 28, agindo sobre a única estrada na região. O planejamento inicial do que parecia ser um duplo envolvimento, diante de novas informações se transforma em um envolvimento, em que o II batalhão tenta investir na retaguarda das posições alemãs, que acabam abandonando-as antes que o batalhão consiga impedir-lhes a retirada.

Na segunda fase das operações, as ações de patrulha ganham mais relevância. O reconhecimento do terreno tem a característica de operar em duas zonas distintas, uma região montanhosa, com vales e passagens e outra menos acidentada, como apontado pelo general Mascarenhas. As estradas e as passagens adquirem importância nessa região.

A disposição das zonas de ação aos batalhões do destacamento parece estar de acordo com as recomendações dispostas no manual para unidades menores. O primeiro batalhão tem uma zona de ação definida pelo terreno, designado para operar no vale do rio Serchio. O segundo batalhão era designado para agir nas alturas que cobrem o vale. O terceiro batalhão substituiu uma unidade americana, provavelmente com uma zona de ação já bem definida na margem direita do rio Serchio. O ponto de agrupamento da unidade era a linha já estabelecida e retificada na primeira fase das operações, que com a conquista de M. Prano, retirou do inimigo a possibilidade de observar e direcionar o fogo de artilharia sobre as tropas aliadas. As rotas de avanço foram estabelecidas em conformidade com o terreno, sendo o ataque principal definido para o vale, onde a manobra ofensiva seria facilitada.

Não há relatos de como as ordens de ataque foram distribuídas para os batalhões, ou se foram distribuídas imediatamente após ser planejado pelo comando.

O ataque secundário foi planejado para ser lançado antes do esforço no vale, tanto para cobrir o ataque principal, como com o intuito de que o inimigo reagisse com suas forças ao ataque na rota de avanço do segundo batalhão.

O terceiro batalhão teve a missão de agir no flanco direito para garantir uma rota de suprimentos para os ataques principal e secundário, através da estrada Fabriche – Correglia. O segundo batalhão avança pela esquerda e ocupa Fabriche no dia 6 de outubro, abrindo a estrada transversal.⁴⁸

O IV corpo então retira um batalhão e uma parte da artilharia do destacamento para a reserva em Camaiore. As fontes não indicam qual batalhão é retirado da linha⁴⁹. O avanço é suspenso e as comunicações entre o comando e as unidades subalternas é reestabelecido. Aqui, é possível observar como as dificuldades previstas no FM 100-5 de comunicação em um terreno montanhoso, encontram respaldo nas operações do destacamento. O avanço anterior dos batalhões desorganizou o contato entre as unidades e o terreno talvez tenha impedido que a

⁴⁸ É provável que a transversal citada seja a estrada que liga as atuais localidades de Piano de Coreglia e Fabbriche di Vergemoli, um trecho de aproximadamente 10 km.

⁴⁹ No dia 18 de outubro o I batalhão é retirado para a reserva, e as fontes dizem que o IV corpo retira novamente esse batalhão. Pode-se concluir que se trata da mesma unidade que vai para a reserva nesse primeiro momento, pois os relatórios indicam uma relativa ociosidade na margem esquerda do rio Serchio, e as operações ocorrem na margem direita e no flanco esquerdo, pelos III e II batalhões.

comunicação por rádio fosse efetuada. A abertura da estrada Fabriche – Correglia permitiu o restabelecimento de comunicações entre os batalhões através de mensageiros. Até esse momento, nenhuma das fontes havia relatado a participação do pelotão de sinais nas operações do destacamento.

As ações de reconhecimento voltam a ser usadas. A reação do inimigo é mais intensa, conforme os brasileiros estabelecem contato em Gallicano e Sommocolonia. O destacamento levanta informações do dispositivo inimigo, como áreas cobertas pela artilharia e suas posições defensivas nas elevações que dominam o vale do Serchio, além de conseguir estabelecer o ponto onde estaria o foco de resistência principal, em Fascindora⁵⁰. A descoberta do destacamento sobre a localidade pode ter sido realizada através da observação a partir de elevações no terreno ou informações disponíveis por reconhecimento aéreo e com os sinais de recrudescimento da resistência inimiga em certos pontos da linha.

Após a conquista de Barga e Gallicano, as ações ofensivas são novamente paralisadas. O destacamento retoma ações de reconhecimento e o corpo de engenharia trabalha para reparar estradas e levantar uma ponte para o auxílio das futuras operações. O corpo de engenharia se destaca no terreno montanhoso, desempenhando a função de desobstrução da rede viária conquistada pelo destacamento e com a ponte, ajudando a movimentação de suprimentos e a manobra de tropas.

O comando do destacamento, com as informações levantadas das missões de reconhecimento anteriores, estipula a linha de resistência alemã e inicia o planejamento para o ataque na direção de Castelnuovo di Garfagnana. Parece que o reconhecimento das posições defensivas inimigas estabeleceu os pontos reais em que estaria organizada a linha de batalha principal, dados os detalhes percorridos sobre a ordem de batalha alemã nos relatórios.

Iniciam-se os preparativos para a ofensiva em direção de Castelnuovo. As forças principais do destacamento, o centro de gravidade, são posicionadas na margem esquerda do rio Serchio, em Borgo a Mozzano⁵¹, para o ataque principal. O ataque secundário agiria sobre a esquerda do vale, para conquistar as elevações no terreno possibilitando a cobertura ao ataque principal. Os documentos indicam que o plano de ataque seria em duas etapas; é relatado o ataque principal na direita do dispositivo e o ataque diversionário na esquerda. Pode-se supor que o ataque principal do destacamento se desdobraria sobre todo o vale do rio Serchio, com dois batalhões, um operando em cada margem do rio. O que não fica claro é como o plano de

⁵⁰ Atualmente Fosciandora, aproximadamente 5 km de Castelnuovo di Garfagna, o objetivo do destacamento.

⁵¹ A localidade de Borgo a Mozzano se encontra a aproximadamente 26 km de Castelnuovo e cerca de 17 km de Barga e Gallicano, onde estavam os elementos avançados do destacamento Zenóbio.

investir sobre Castelnuovo pela esquerda deveria ser realizado no setor indicado como do ataque secundário, isto é, apenas pelo I batalhão, enquanto no ataque principal seria feito pelo grosso do dispositivo do destacamento, pelo vale e pela direita. A explicação mais plausível para essa inconsistência seria que uma parte do centro de gravidade do destacamento no vale estaria mais voltado para ser uma reserva, posicionada centralmente no dispositivo brasileiro, para intervir ofensivamente em uma eventual necessidade, como previsto no FM 100-5. Assim, o esforço secundário seria realizado pelo I batalhão e provavelmente o II batalhão estaria em reserva, na margem esquerda do rio. Justifica-se também sua posição de relativamente afastada da linha, em Borgo a Mozzano, cobrindo a reserva da observação e cobertura de fogos inimigos.

Antes de partir para a operação sobre Castelnuovo, deve-se constatar como o dispositivo brasileiro foi reajustado em relação ao dispositivo no início da segunda fase das operações. Inicialmente, o I batalhão estava desdobrado no vale, o II batalhão operaria na esquerda e o III batalhão na margem direita do rio Serchio. Ao longo das operações, o I batalhão foi retirado para a reserva do IV corpo, o que ocasionou um aumento da zona de ação do II/6º R.I.. Com a reincorporação do I/6º R.I. ao destacamento, ele é deslocado para a esquerda do dispositivo e o II batalhão é movido para o centro. A partir dessa disposição, I/6º R.I. na esquerda, II/6º R.I. no centro e o III/6º R.I. na direita que se inicia o ataque sobre o objetivo.

O vale do Rio Serchio nessa zona em que estava o destacamento faz uma curva que vai ligeiramente na diagonal até a localidade de Gallicano. O centro de gravidade do destacamento, apesar de estar no vale em Borgo a Mozzano, tem seu esforço deslocado para Oeste. O vale, assim, estaria no flanco direito da zona de ação da tropa brasileira. A conformidade com o terreno pode explicar como as ações do destacamento neste momento estão confusas, pois como foi exposto anteriormente, os brasileiros já haviam conquistado Gallicano no dia 11 de outubro. Segue então o ataque:

A operação sobre Castelnuovo pode ser tratada como dois eixos de ataque distintos, pela esquerda um reconhecimento em força e pela margem direita do rio Serchio, uma penetração nas defesas inimigas. A operação é adiada para o dia 30, para que a artilharia seja reajustada em uma posição de apoio mais conveniente ao ataque.

A ofensiva é lançada em toda a frente do batalhão, fundamentando a ação ofensiva de penetração que exige uma zona de ação mais ampla para o ataque e um terreno favorável para a manobra, pois se busca conquistar a linha Calomini – C. Casella – S. Quirico – Colle – cota 906 – Lama di sopra. S. Quirico está aproximadamente 2,5 km ao norte de Borgo a Mozzano e Calomini está cerca de 25 km ao Noroeste da mesma localidade. O autor não conseguiu

encontrar a localidade de Lama di sopra, podendo estar em algum lugar a Leste de Colle⁵². O destacamento então atua com seu dispositivo atacando para Nordeste, provavelmente com o III batalhão (é sabido que elementos do III/6º R.I. estavam em Gallicano⁵³ desde pelo menos, dia 11). Conforme o planejamento do comando, haveria posteriormente um avanço a cavaleiro do rio para investir sobre Castelnuovo pela esquerda. É possível inferir que esse esforço seria realizado pelo II/6º R.I., que estava na reserva e exploraria a brecha aberta pelo ataque do III batalhão.

O reconhecimento em força é usado pelo I/6º R.I. no flanco esquerdo. Por ser um terreno montanhoso o batalhão é desmembrado em companhias⁵⁴. A experiência adquirida do I batalhão em terreno montanhoso na conquista de Monte Prano pode ter influenciado na escolha do comando de usá-lo para tal ação. O reconhecimento é feito com ataques limitados em pontos de observação e elevações do terreno. A situação na região não era tão clara como no vale, em que havia ações de reconhecimento desde meados de outubro. O contra-ataque alemão sobre as companhias corrobora com a hipótese de que o I batalhão fazia um reconhecimento em força, pois há a possibilidade expressa no FM 100-5 que tal ação pode revelar ao inimigo a intenção do comando e evoluir para um engajamento geral. Ao fazer uso do expediente, o comando do destacamento revelou suas intenções de dominar as alturas próximas de Castelnuovo di Garfagnana para a cobertura de um posterior ataque sobre a localidade (a cidade tem importância por ligar diversas estradas na região). Os alemães ao perceberem a ameaça atacam as pequenas unidades, ocasionando o retraimento das posições conquistadas. As reservas do II batalhão não conseguem intervir para retificar a situação devido à distância que se encontravam do I/6º R.I. O III batalhão, em sua missão de avançar pelo vale e cobrir posteriormente o flanco direito para o ataque sobre Castelnuovo também não poderia intervir, porque já estava em ação e seria difícil que o comando o retirasse sem ocasionar baixas ou ameaçar a integridade das posições já conquistadas.

Apesar do retraimento do I batalhão, as posições do destacamento Zenóbio não foram seriamente ameaçadas pelo ataque inimigo, de natureza limitada, para reconquistar os pontos chave no terreno em seu flanco direito. O vale do Rio Serchio foi mantido.

⁵² Colle é ainda mais confusa, pois há três localidades com o nome parecido na zona de ação do destacamento. Há uma Colli a Oeste de Calomini e também outra Colle a 7 km de Castelnuovo. A Colle mais provável é a que se encontra próxima de Bagni di Lucca, na direita do vale do rio Serchio.

⁵³ Gallicano se encontra cerca de 9 km ao Leste de Calomini.

⁵⁴ Ver nota 25. A Colle referida pode ser Colli ou a Colle próxima de Castelnuovo. Possivelmente se trata de Colli, pois está mais de acordo com a linha de frente do dia 30 na figura 3. O autor estipula que Colli se encontra entre Pania Secca e Ponia Delle Croce.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do destacamento Zenóbio da Costa representam a primeira experiência de combate do Exército brasileiro em um conflito de alta intensidade entre exércitos regulares, desde a Guerra da Tríplice Aliança no século XIX. Lutando em um terreno desfavorável, as tropas brasileiras conseguiram avançar quarenta quilômetros em território inimigo, conquistando pontos chave na linha de defesa alemã. Apesar de ser um teatro de operações considerado secundário pelo alto comando aliado (principalmente depois da abertura da frente ocidental com a operação Overlord), e lutar contra um inimigo fatigado por cinco anos de guerra, acossado em todas as frentes mas ainda bastante capaz de infringir derrotas às forças aliadas, pode-se considerar que a experiência do batismo de fogo dos brasileiros foi marcada por vitórias e aprendizados em uma guerra total.

O *Field Service Regulations, Operations*, 1944, parece ter guiado as ações do destacamento, pois é possível observar em quase todas as suas ações elementos previstos no manual. As seções do FM 100-5 que mais se destacaram foram as destinadas ao reconhecimento e guerra em montanha. Tais seções justificam-se devido às missões e ao terreno em que operou o RCT Zenóbio. As ações ofensivas se fizeram presentes, principalmente na conquista de Monte Prano e na tentativa de investir sobre Castelnuovo di Garfagnana. Questões sobre as reservas e a disposição da frente são visíveis na condução das operações, mas deve-se considerar o contexto mais amplo do V Exército, que não tinha forças suficientes para cobrir toda a frente, muitas vezes obrigando que os comandantes optassem por disposições mais amplas e operações com poucas reservas.

Pouco se tratou nas fontes sobre questões de coordenação entre as armas que compunham o destacamento, não sendo possível reconstituir a relação entre o manual e a prática do apoio da artilharia brasileira nas duas fases das operações. Outros corpos, como a engenharia e as comunicações apresentam certos elementos previstos no manual.

O conceito de reconstituição da História, baseado nas ideias de R.G. Collingwood, apesar de alguns problemas e críticas, consegue atender satisfatoriamente as necessidades levantadas pela História Militar. As diversas informações expostas nas fontes e nos testemunhos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial fornecem pleno material para que o historiador consiga empreender a tentativa de reconstituir e, possivelmente, compreender as ações dos agentes históricos do período.

A presente tentativa — ainda que parcial — de compreensão das ações históricas do destacamento se baseou principalmente nos relatórios da FEB, memórias de seus oficiais e em documentos elaborados pelas forças americanas. A dificuldade de lidar com as memórias consiste em separar informações úteis ao estudo histórico das convicções expostas pelo agente. Algo que no caso em questão, de oficiais envolvidos diretamente na elaboração de operações e consequentemente responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso, além de qual imagem será deixada para a posteridade sobre seu comando, tornam mais complexo o trabalho do historiador no uso de tais fontes. Os relatórios também apresentam alguns problemas, por terem sido elaborados a partir de relatórios feitos por unidades subalternas, como os batalhões. A fonte apresenta certas lacunas que impedem o historiador de obter detalhes pertinentes para uma reconstituição mais robusta de suas ações. O que se torna evidente é a ausência das ações da artilharia e seus planos de fogo, que poderiam esclarecer onde o destacamento considerava mais importante a concentração de suas ofensivas⁵⁵. Na segunda fase das operações, é possível observar que o II batalhão praticamente não relatou suas ações, fazendo com que o autor tivesse que reconstituir sua posição no vale a partir de seu posicionamento anterior e estipulando seu papel na ação baseado nas ações e movimentação dos outros dois batalhões. O uso de um manual de campo, no caso o FM 100-5, pode trazer dificuldades para o trabalho do historiador, como as ações dos agentes históricos não seguirem as determinações do documento, o que é plausível, dado as condições impostas pelo campo de batalha e a natureza mutável de uma guerra. Afortunadamente, as ações do destacamento puderam ser reconstituídas com o auxílio do manual.

É possível afirmar que, para a proposta de reconstituição de uma ação histórica gerar a compreensão no espírito do historiador ter êxito, é necessário a reunião e interpretação do máximo de fontes possíveis. O pesquisador precisará ainda exercitar sua capacidade de relacionar e extrair informações dos registros deixados, uma atividade eminentemente crítica. A compreensão da ação histórica pode ser atingida, mas será desafiada por novas fontes. O autor considera que a limitada reconstituição do exercício de comando do destacamento Zenóbio da Costa feita no presente trabalho obteve uma compreensão razoável de suas ações, apesar de haver elementos que as fontes não puderam revelar em contribuição ao exercício de reconstituição.

⁵⁵ É possível que esses elementos façam parte de um relatório separado da própria arma. Assim, o autor não conseguiu fazer a pesquisa para que fosse utilizada aqui.

Espera-se que este trabalho contribua ao menos infimamente para a História Militar Brasileira e para a compreensão da participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Guerra. Força Expedicionária Brasileira. *Relatório*. vol. 1. 1946.
- BRASIL. Força Expedicionária Brasileira. 6º regimento de infantaria. *Relatório das atividades do Regimento*. [194-].
- BRAYNER, Floriano de Lima. *A Verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- CITINO, Robert Michael. *The Wehrmacht Last Stand: The German Campaigns of 1944-1945*. Lawrence: University Press of Kansas, 2017.
- CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CLARK, Mark. *Risco Calculado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1970.
- COLLINGWOOD, Robin George. *A Ideia de História*. 8. ed. Lisboa: Presença, 2001.
- CONDELL, Bruce (ed.); ZABECKI, David T. (ed.): *On the German Art of War. Truppenführung*. Mechanicsburg, PA, USA: Stackpole Books, 2009.
- DRAY, William H. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.
- DRAY, William H. *History as Re-enactment*. New York: Oxford University Press, 1999.
- HOUSE, Jonathan M. *Combined Arms Warfare in the Twentieth Century*. Lawrence, KS, USA: University Press of Kansas, 2001.
- KEEGAN, John. *The Second World War*. London: Arrow Books, 1990.
- KESSELRING, Albert. *Memoirs*. New York: Skyhorse Publishing, 2016.
- MORAES, J. B. Mascarenhas. *Memórias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.
- PORCH, Douglas. *The Path to Victory: The Mediterranean theater in World War II*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2004.
- RODRIGUES, Fernando da Silva; FERRAZ, Fernando; PINTO, Surama Conde Sá (orgs.). *História Militar: Novos Caminhos e novas abordagens*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- SILVEIRA, Antorildo. *O sexto Regimento de Infantaria Expedicionário*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.
- WAR DEPARTMENT. *Field Service Regulations, Operations, 1944*. Estados Unidos da América, 1944.
- UNITED STATES ARMY. *History of IV Corps, 1941 – 1945*. Estados Unidos da América, [1950?].

FIFTH ARMY. *History, 16 August – 15 December 1944*. Washington D.C.: Government printing Office, [1945].

751 TANK BATALLION. *After Action Report*. 1945.